



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE SÃO BERNARDO - CCSB
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS – LÍNGUA
PORTUGUESA

ANDRESSA LIMA

**O FUNCIONAMENTO SOCIAL DO GÊNERO MICROCONTO E ESTRATÉGIAS
DE ENSINO: MULTILETRAMENTOS**

São Bernardo – MA

2025

ANDRESSA LIMA

**O FUNCIONAMENTO SOCIAL DO GÊNERO MICROCONTO E ESTRATÉGIAS
DE ENSINO: MULTILETRAMENTOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão – Centro de Ciências de São Bernardo, para obtenção do grau de Licenciada em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa.

Orientador (a): Prof^a Dr^a. Eliane Pereira dos Santos

São Bernardo – MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Lima, Andressa.

O Funcionamento Social do Gênero Microconto e
Estratégias : multiletramentos / Andressa Lima. - 2025.
59 f.

Orientador(a): Eliane Pereira dos Santos.

Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos
- Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, São
Bernardo - Ma, 2025.

1. Microconto. 2. Multiletramento. 3. Funcionamento
Social. 4. Multimodalidade. 5. Dialogismo. I. Pereira
dos Santos, Eliane. II. Título.

ANDRESSA LIMA

**O FUNCIONAMENTO SOCIAL DO GÊNERO MICROCONTO E ESTRATÉGIAS
DE ENSINO: MULTILETRAMENTOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão – Centro de Ciências de São Bernardo, para obtenção do grau de Licenciada em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa.

Orientador (a): Prof^a Dr^a. Eliane Pereira dos Santos

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Eliane Pereira dos Santos
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
Centro de Ciências São Bernardo – CCSB
(Orientadora)

Prof. Dr. José Marcelo Costa dos Santos
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
Centro de Ciências São Bernardo – CCSB
(1º Examinador)

Prof^a. Esp. Elayne Cristina da Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA
(2º Examinador)

Dedico este trabalho a Deus, em reconhecimento por tudo e por permitir-me chegar até aqui; aos meus pais e irmãos, pelo apoio incondicional; aos meus amigos e familiares, em especial, ao meu avô, José da Silva Lima (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por guiar minha trajetória acadêmica, permitindo-me concluir uma etapa importante da minha vida, a graduação, e por conceder-me a oportunidade de viver uma oração atendida ao cursar o Ensino Superior.

Agradeço aos meus familiares, que fizeram parte da minha caminhada acadêmica. De modo especial, ao meu pai, José Antônio Vieira Lima, um exemplo de homem e um pai excepcional, que sempre me apoiou e, com dedicação, sob chuva e sol, sempre fez o possível e o impossível para proporcionar uma educação de qualidade e oportunidades.

À minha mãe, Carliane Lima, exemplo de pessoa e mãe extraordinária, sou imensamente grata pelo apoio e por tudo o que faz por mim.

Às minhas irmãs: Maria Lima e Rayla Lima, e ao meu irmão e amigo Augusto Oliveira de Sousa, sou agradecida por todo o suporte e carinho.

Agradeço à minha orientadora, Prof.^a Eliane Pereira dos Santos, pelas orientações e pela responsabilidade durante todo o processo de elaboração deste trabalho. Agradeço-lhe também como docente do curso, exemplo de profissional que inspira dedicação.

A todo o corpo docente do curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, agradeço pelos ensinamentos que contribuíram para a minha formação.

Agradeço aos meus colegas de curso da turma 2020.2, em especial aos meus amigos Luís Guilherme e Bernardo, Maria Eduarda, pela relação de companheirismo e pelos momentos de troca de conhecimentos vividos durante esses quatro anos.

Agradeço a todos que contribuíram de alguma maneira para a minha formação, incluindo meus ex-professores e os supervisores de estágio, Moacir Carlos Rodrigues Nunes e Francisca Ferreira da Mata, além dos alunos. Muito obrigada!

"Em seu coração o homem planeja o seu caminho, mas o senhor lhe dirige os passos." (Provérbios 16: 9)

RESUMO

A pesquisa objetiva analisar o funcionamento social do gênero microconto no *Instagram*, em seus aspectos funcionais e multimodais enquanto gênero textual literário digital, considerando-o como possibilidade de ensino na Educação Básica. Adotando como questão problema: Como o gênero microconto, considerando seus aspectos funcionais e multimodais como gênero literário digital, pode contribuir para o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica? O microconto é um gênero literário caracterizado pela brevidade, intertextualidade discursiva e marcas ideológicas, apresenta potencial para desenvolver a leitura interpretativa e a produção textual dos estudantes do Ensino Fundamental. Em consonância com o objetivo geral, apresentam-se os seguintes objetivos específicos: a) Investigar os elementos temáticos, estilísticos e composicionais do microconto; b) Identificar relações dialógicas no gênero microconto; c) Elaborar uma proposta de ensino para o ensino do gênero microconto, envolvendo procedimentos de leitura, produção textual e socialização no Ensino Fundamental, tendo esse gênero como eixo central. A pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo documental. O *corpus* é composto por microcontos publicados nos perfis @microconto.pt e @microconto na plataforma *Instagram*. A fundamentação teórica inclui autores como Bakhtin (2016), Rodrigues (2005), Bueno (2021), Fiorin (2011), Rojo e Barbosa (2015), Rojo e Moura (2019), Soares (2002), Ribeiro (2005; 2021). O texto aborda sobre os gêneros textuais discursivos e digitais, além de aspectos sócio-históricos, relações dialógicas e multimodais dos microcontos, investigando suas funções sociais e sua eficácia enquanto gênero literário reflexivo sobre o mundo. Por fim, apresenta uma sequência didática como proposta de contribuição para o ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Microconto; Multiletramento; Funcionamento Social; Multimodalidade; Dialogismo.

ABSTRACT

The research aims to analyze the social functioning of the micro-tale genre on Instagram, in its structural and multimodal aspects as a digital literary textual genre, considering it as a teaching possibility in Basic Education. Adopting the problem question: How can the micro-story genre, considering its functional and multimodal aspects as a digital literary genre, contribute to the teaching of Portuguese in Basic Education? The micro-story is a literary genre characterized by brevity, discursive intertextuality and ideological marks, and has the potential to develop the interpretative reading and textual production of elementary school students. In line with the general objective, the following specific objectives are presented: a) To investigate the thematic, stylistic and compositional elements of the micro-tale; b) To identify dialogic relationships in the micro-tale genre; c) To draw up a teaching proposal for teaching the micro-tale genre, involving reading, textual production and socialization procedures in elementary school, with this genre as the central axis. The research has a qualitative, documentary approach. The corpus consists of micro-*tales* published on the @microconto.pt and @microconto profiles on the Instagram platform. The theoretical basis includes authors such as Bakhtin (2016), Rodrigues (2005), Bueno (2021), Fiorin (2011), Rojo and Barbosa (2015), Rojo and Moura (2019), Soares (2002), Ribeiro (2005; 2021). The text discusses discursive and digital textual genres, as well as socio-historical aspects, dialogic and multimodal relations of micro-*tales*, investigating their social functions and their effectiveness as a literary genre that reflects on the world. Finally, it presents a didactic sequence as a proposed contribution to teaching.

KEYWORDS: Micro-tale; Multilingualism; Social Functioning; Multimodality; Dialogism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Perfil @microconto.pt	16
Figura 2: Perfil @microcontos	17
Figura 3: Microconto Beija-Flor	19
Figura 4: Microconto Ciência	21
Figura 5: Microconto Hiato	25
Figura 6: Microconto Reconexão e comentários.....	28
Figura 7: Microconto Camaleão.....	32
Figura 8: Microconto com imagem de fogueira	33
Figura 9: Microconto com imagem de moedas	38
Figura 10: Microconto Corpo no chão	43
Figura 11: Canva	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 METODOLOGIA.....	15
3 CONSIDERAÇÕES SOBRE DIALOGISMO E GÊNEROS TEXTUAIS /DISCURSIVOS.....	18
4 OS GÊNEROS TEXTUAIS DIGITAIS E OS MULTILETRAMENTOS.....	23
4.1 Letramento digital.....	24
4.2 Letramento literário	29
4.3 Aspectos sócio-históricos e funcionais do microconto.....	34
5 PROPOSTA DE ENSINO: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE O GÊNERO MICROCONTO	40
5.1 Apresentação da sequência didática	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	49
ANEXOS.....	52

1 INTRODUÇÃO

As práticas de linguagem estão em constante transformação devido à sua natureza social, que é influenciada e moldada pelo avanço dos recursos tecnológicos. O desenvolvimento das tecnologias digitais tem impactado progressivamente a comunicação em todas as esferas, incluindo a literária, o que tem possibilitado o surgimento de novos gêneros textuais discursivos, como o microconto. O microconto, enquanto gênero textual discursivo digital, caracteriza-se pela brevidade e forma sucinta, exigindo um olhar crítico e atento do leitor, já que muito do seu sentido está implícito. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva analisar o funcionamento social do gênero microconto no *Instagram*, em seus aspectos estruturais e multimodais enquanto gênero textual literário digital, considerando-o como possibilidade de ensino na Educação Básica.

A escolha do microconto como objeto de estudo se deu a partir das atividades e experiências vivenciadas no Grupo de Estudo e Pesquisa Sobre Formação e Prática Docente de Línguas, Práticas de Linguagem e Memórias do Ensino de Espanhol no Maranhão (GEPFEMEM) e a partir da disciplina “Gêneros Textuais e Práticas Sociais de Leitura e Escrita” da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Por ser breve e impactante, o microconto se adapta bem às práticas de leitura no meio digital, apresentando-se como uma ferramenta promissora para desenvolver habilidades como síntese, criatividade e leitura interpretativa na Educação Básica.

A análise proposta fundamenta-se em aspectos sócio-históricos, ideológicos e composicionais, explorando a relação entre os elementos temáticos, estilísticos e multissemióticos do microconto. A Educação Básica vivencia e reflete as transformações sociais e o avanço dos recursos tecnológicos, diante disso faz-se essencial investigar como as práticas de leitura e escrita podem dialogar com essa realidade digital dos alunos, uma vez que essa realidade já se faz presente nas escolas brasileiras, e muitas vezes se mostra um desafio tanto para os alunos como para os professores.

Dessa forma, apesar da imersão dos alunos nas mídias sociais e conteúdos digitais ou mesmo na leitura de gêneros digitais, ainda existe uma resistência quanto a leitura de gêneros literários no ambiente escolar. Nesse sentido, o gênero microconto pode cooperar com esse desafio surgindo como uma possibilidade e como uma ferramenta inovadora, integrando a brevidade à sua estrutura, o que surpreende pela sua fluidez, e também pela multimodalidade

que emprega diversas linguagens tornando-se uma produção mais dinâmica ao universo literário, em um formato que se alinha às práticas digitais contemporâneas.

Mediante essas reflexões, temos como questão norteadora dessa pesquisa: Como o gênero microconto, considerando seus aspectos funcionais e multimodais como gênero literário digital, pode contribuir para o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica? Os objetivos específicos são: a) Investigar os elementos temáticos, estilísticos e composicionais do microconto; b) Identificar relações dialógicas no gênero microconto; c) Elaborar uma proposta de ensino para o ensino do gênero microconto, envolvendo procedimentos de leitura, produção textual e socialização no Ensino Fundamental, tendo esse gênero como eixo central.

O *corpus* da pesquisa é formado por microcontos publicados na plataforma *Instagram*, uma rede social de fácil acesso, amplamente utilizada por indivíduos de diferentes faixas etárias e com interesses diversos. Pesquisar o microconto, enquanto gênero textual discursivo literário digital, é relevante devido às suas marcas dialógicas com outros discursos e realidades sociais, sua composição multissemiótica e seu potencial interpretativo. Apesar de ainda ser pouco estudado em relação ao conto tradicional, o microconto desafia os leitores a extrair significados profundos em poucas palavras, promovendo habilidades interpretativas e estimulando a apreciação estética de forma concisa. Revelando a importância da pesquisa ao estudar o gênero microconto, pouco explorado, especialmente quando relacionado ao contexto de ensino. Assim, esse estudo agrega tanto ao campo acadêmico quanto às práticas pedagógicas.

Desse modo, a presente pesquisa busca explorar como os microcontos dialogam com outros discursos sociais e como suas composições multissemióticas ampliam as possibilidades de interpretação e crítica. Além disso, o microconto contribui para a educação literária ao demonstrar como a narrativa breve desse gênero pode ser utilizada em práticas pedagógicas inovadoras e eficazes. Para aprofundar a compreensão das relações presentes nos microcontos, serão analisadas a contextualização social e as circunstâncias que influenciam sua produção. Também será discutida sua natureza multissemiótica, que enriquece ainda mais o desenvolvimento do senso crítico e da leitura responsiva.

Para tal fim, a discussão teórica da pesquisa está organizada em cinco capítulos. O primeiro e o segundo correspondem à Introdução e à Metodologia, em que são apresentados o objeto de estudo, os objetivos e os dados relativos ao percurso de desenvolvimento da pesquisa. O terceiro refere-se à fundamentação teórica, com uma discussão sobre os gêneros discursivos digitais e as marcas dialógicas, além da análise do gênero microconto no *corpus* selecionado.

Ademais, o quarto trata dos gêneros textuais digitais e dos multiletramentos, organizados em três seções. A primeira seção aborda o conceito de letramento digital relacionado ao gênero microconto no *Instagram*. A segunda seção discute o conceito de letramento literário e sua relação com os microcontos, a partir de uma análise do gênero. A terceira seção apresenta uma discussão sócio-histórica da origem do microconto e de sua funcionalidade, além de uma análise da multimodalidade presente no gênero.

Por fim, tem-se o quinto capítulo que traz a sugestão de uma sequência didática para a Educação Básica, tendo como objeto de ensino o gênero microconto. A proposta contempla três etapas: leitura, produção textual e socialização, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018). O trabalho encerra com as considerações finais da pesquisa.

2 METODOLOGIA

A pesquisa, a princípio, ao gerar conhecimentos é entendida, conforme Almeida e Leite (2016), como um conjunto de ações que objetiva encontrar soluções para problemas, utilizando procedimentos racionais, sistemáticos e demais procedimentos científicos. A partir do momento em que é investigada as relações humanas, a presente pesquisa se desenvolve no campo das ciências sociais, investigando comportamentos e fenômenos da realidade social de maneira científica. De acordo com Lopes (2013), a pesquisa social parte da problematização de questões que envolvem o levantamento de conhecimentos, análise de teorias e produção de novos resultados, validados ou não, por meio de métodos de investigação próprios desse campo.

A pesquisa social é dinâmica e acompanha as mudanças da sociedade, incorporando novas metodologias e recursos que garantem resultados mais precisos. Nesse contexto, Minayo (1994) destaca que as ciências sociais nascem do “histórico”, enfatizando que as sociedades humanas se formam e se transformam em determinado espaço e tempo, com o presente marcado por heranças do passado e projeções para o futuro. Como resultado, as questões sociais são transitórias e dinâmicas, exigindo análise constante, pois conforme o autor supracitado:

Isto significa que as sociedades humanas existem num determinado espaço cuja formação social e configuração são específicas. Vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído. Portanto, a provisoriedade, o dinamismo e a especificidade são características fundamentais de qualquer questão social (Minayo, 1994, p. 13).

Dessa forma, o processo de investigação busca, por meios científicos, explorar inquietações, colaborando com novos conhecimentos e, da mesma forma, ampliando-os ou divergindo deles com apontamentos de novos caminhos de base sólida, pertinentes à sociedade. Assim sendo, o processo de pesquisa, no levantamento de dados e interpretações das informações, marca um olhar atento aos conhecimentos passados para esclarecer questões do presente, projetando um futuro com a apresentação de novos conhecimentos, que são sujeitos a mudanças conforme as necessidades sociais e indagações.

Nesse sentido, a análise do microconto como gênero literário se insere em uma perspectiva social, considerando os comportamentos e interações dos sujeitos por meio da linguagem literária. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, centrada na interpretação de dados sobre os microcontos e seus aspectos temáticos, estilísticos e composicionais,

relacionando-os com o dialogismo e multiletramentos e sobre seu funcionamento social. A abordagem qualitativa é definida por Gil (2017) como aquela que ocorre por meio de descrições verbais, sendo essencial para estudos que envolvem a interação social.

Além disso, Almeida e Leite (2016, p. 11), ressaltam que tal abordagem é: “[...] descritiva e o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados, sendo o pesquisador a chave”. A técnica de pesquisa adotada é a documental, utilizando como fonte microcontos publicados no *Instagram*, plataforma digital amplamente utilizada por diferentes grupos etários e com interesses variados.

Nessa perspectiva, Severino (2017) esclarece que a análise documental trabalha com textos que ainda não passaram por tratamento analítico, constituindo matéria-prima para investigação. Dessa forma, o *corpus* da pesquisa é formado por microcontos das páginas @microcontos.pt e @microcontos, que ainda não foram analisados cientificamente ou que complementam estudos existentes. A escolha do *Instagram* como plataforma para coleta dos dados se deu devido às características sucintas das postagens, adequadas à natureza do gênero microconto. Além disso, a rede social oferece ferramentas criativas e interativas que ampliam a visibilidade e a disseminação dos conteúdos, facilitando sua popularização. As figuras abaixo permitem observar a organização dos dois perfis de microcontos no *Instagram*.



Fonte: *Instagram*, 2024. disponível no link
 (<https://instagram.com/microcontos.pt?igshid=NGVhN2U2NjQ0Yg==>)

Figura 2: Perfil @microcontos



Fonte: *Instagram*, 2024. Figura 2 é referente ao outro perfil @microcontos, disponível no *link* (<https://instagram.com/microcontos?igshid=NGVhN2U2NjQ0Yg==>)

Os perfis analisados no *Instagram* apresentam uma organização visual semelhante, incluindo informações gerais na biografia (descrição do perfil), *links* e postagens de microcontos verbo-visuais. Por exemplo, o perfil @microcontos.pt define os microcontos como “Pequenas histórias em que fica sempre tanto por se dizer”, enquanto o perfil @microcontos os descreve como “Histórias rápidas para tempos rápidos”.

O *corpus* analítico desta pesquisa inclui microcontos selecionados dos perfis citados: @microcontos.pt, @microcontos; nomeados de Beija-flor, Ciência e Camaleão, dois *prints* de tela do microconto Hiato e Reconexão, além de dois outros microcontos híbridos e sem título¹ e na sequência didática o microconto Corpo no chão. Analisando as marcas dialógicas, os discursivos recorrentes do contexto de produção, a composição multimodal ligado ao ambiente digital, os multiletramentos, a linguagem literária e a importância dos vazios no microconto. Além da análise do *corpus*, esta pesquisa tem como produto a elaboração de uma sequência didática como sugestão para aplicação no Ensino Fundamental, tendo o gênero microconto como objeto central.

Nessa perspectiva, Zabala (1998, p. 18) define a sequência didática como: “[...] conjunto de atividades organizadas e estruturadas articulando objetivos educacionais, que almeja ao final um conhecimento tanto para alunos como para professores”. A sequência didática será estruturada em três etapas principais com base em Lopes-Rossi (2011): leitura, produção textual e socialização, alinhadas às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018). Dessa forma, buscou-se oferecer uma contribuição metodológica relevante para a prática docente, ampliando o uso pedagógico do microconto como ferramenta de ensino.

¹ O híbrido, referente à multimodalidade com texto e imagem, sem título por escolha do autor, sem um direcionamento prévio, que deixa espaço para interpretações do leitor.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE DIALOGISMO E GÊNEROS TEXTUAIS /DISCURSIVOS

É de suma importância entender o funcionamento dos gêneros textuais, uma vez que eles não correspondem apenas a materialidade física, resultando em um texto a ser codificado e padronizado de acordo com suas características, e sim como enunciados produzidos com o intuito comunicativo pelo sujeito, com influência do meio social convertendo-se em um gênero. Dessa forma, constatamos que os gêneros quando elaborados por meio de enunciados pensados e influenciados pelo meio social e pela comunidade linguística na qual o indivíduo faz parte, passa a apresentar uma relação com o dialogismo a partir do momento em que esses enunciados são pensados, pois a elaboração de discursos é dada por meio de enunciados, ou seja, pensamos e nos comunicamos pela língua viva em uso. E a língua viva acontece por meio de gêneros discursivos, sendo inerentemente dialógica.

Assim, o dialogismo é uma parte constituinte intrínseca aos gêneros, à língua, considerando a formação dos enunciados a partir de um processo de interação e de troca, possibilitando o contato com os variados discursos de outros. Pensando na concepção de enunciados que é apresentada por Fiorin (2011) referente ao dialogismo de Bakhtin, o autor aponta que:

Os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciadador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados (Fiorin, 2011, p. 17-18).

De acordo com Fiorin (2011), a comunicação é um processo formado por enunciados que por sua vez são dialógicos, não tendo importância sua extensão necessariamente, desde que preserve o diálogo com o que pode ser dito (dizível), no contexto da interação, internamente com a palavra do outro. Pois ao produzir um discurso, quem o produz assimila o discurso do outro, resultando assim em um discurso que não é unicamente de quem produziu, mas o resultado dessa interação com a perspectiva singular do produtor.

Segundo o mesmo autor, com o aprofundamento sobre o conceito de dialogismo, diz que todo enunciado é dialógico, sendo assim não existe enunciado isento do dialogismo ou mesmo de influências de outros discursos, pois os discursos encontram-se nas vivências

discursivas e relações dialógicas com outros enunciados, o que constitui a subjetividade do sujeito com sua consciência individual, que o difere dos demais como quem convive. Desse modo, os gêneros discursivos transmitem esses múltiplos discursos presentes em enunciados, que quando analisados guiam para dizeres já proferidos em determinado contexto social estabelecendo um diálogo.

Em consonância, Rodrigues (2005, p. 167) afirma que “Todo gênero tem um conteúdo temático determinado: seu objeto discursivo e finalidade discursiva, sua orientação de sentido específico para com ele e os outros participantes da interação”. Nesse sentido, Rodrigues (2005) pontua acerca da natureza dos gêneros possuírem temáticas “específicas”, que corroboram com o objetivo pretendido na qual o gênero foi produzido, em que os sentidos encontram-se na relação interativa entre os envolvidos.

Nessa perspectiva, os enunciados encontrados no gênero microconto podem ser vistos como marcas da utilização da língua viva em uso, reiterando que a comunicação e os pensamentos são realizados por enunciados, estes por sua vez estão imbricados e entrelaçados de relações dialógicas constituídas de sentidos, que abarcam o social da língua assim como das relações sociais dos indivíduos. A seguir, será apresentada a análise de microcontos retirados do *Instagram*, do perfil @microcontos, demonstrando as marcas do dialogismo Bakhtiniano.

Figura 3: Microconto Beija-Flor



Fonte: *Instagram*, 2024

O microconto, cujo o título é “Beija-flor”, vem situando o leitor sobre uma temática relacionada à natureza, por está tratando de uma ave que tem inúmeras simbologias em diferentes culturas, que remete à positividade, ao encorajamento e à delicadeza, motivo por sua aparente fragilidade. A narratividade dos enunciados apresenta a história de uma beija-flor, através da apresentação das ações desta pequena ave, fazendo com que o leitor viva os sentidos e as emoções dos personagens da história, tendo como personagem principal a beija-

flor e os demais bichos da floresta. Que realizam um trabalho em conjunto em prol de salvar suas casas da maldade do homem, que queima a natureza, pondo em evidencia o conflito entre o homem e políticas ambientais.

A denotação e a inferência de sentido nos enunciados como exposto por (Rodrigues, 2005, p. 155) “No processo de interação verbal, as palavras nos vêm de outros enunciados e remetem a eles; portanto, nessa perspectiva, como elementos do enunciado, elas não são ‘neutras’, mas trazem consigo sentidos”. Dessa forma considerando Rodrigues (2005), de início no microconto, observamos que o título “Beija-flor” já apresenta uma menção à natureza, mobilizando conhecimentos já sabidos pelo leitor sobre a beija-flor, relacionando ao fato de os enunciados não serem neutros, pois são carregados de sentidos.

Nesse sentido, observamos que os enunciados do primeiro período demonstram a união dos animais por influência da beija-flor e “sua persistência” que apoiada nas palavras da narrativa “mobilizou” que em resulta em “apagaram” representa essa ação coletiva. No trecho, quando diz “apagaram o fogo e os rastros do bicho homem”, tem uma troca de personificação em que o homem é considerado um bicho e os animais possuem características racionais e cooperativas. O dito no microconto traz uma voz social que retoma discursos anteriores, que situam o homem como destruidor do meio ambiente, refletindo muito dos conflitos sociais que envolvem o meio ambiente e o crescimento do capitalismo, e outras demandas ambientais e socioambientais, tais como queimadas, desmatamento, divergências de interesses ambientais, políticos e econômicos. Situações em que a “persistência” de pequenas beija-flor e a união, podendo as aves serem ongs, movimentos sociais, ativistas e ações individuais cotidianas que juntas são capazes de sutir efeito com relação a apautas e ações de preservação ambiental.

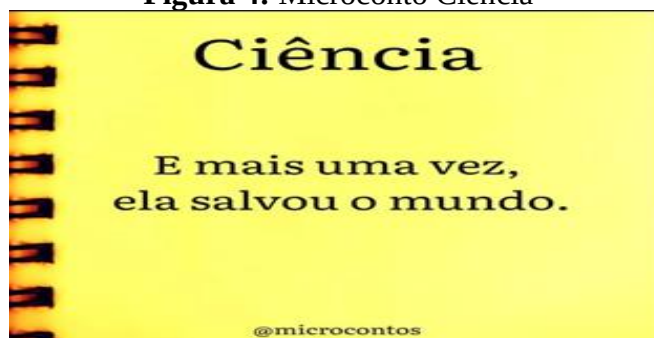
A circulação e a interação entre os discursos, como aponta Bakhtin (2016, p. 57) “[...] todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo [...] todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera discursiva da comunicação discursiva.” Ou seja, os enunciados fazem parte de um contínuo processo de comunicação, que conecta discursos que têm sentido em um campo discursivo. Ademais, o dialogismo se apresenta a partir dos enunciados que se constituem de outros enunciados em resposta e influencia a outros discursos.

No microconto Beija-flor, por exemplo, ressoam discursos que denunciam ações humanas que possuem impactos negativos ao meio ambiente e que podem circular em outras esferas, como a jornalística, ao dialogar com discursos como a problemática de incêndios

florestais criminosos.

Dando sequência às análises, a seguir será abordada a análise do microconto “Ciência”. Investigando os discursos mediante o contexto histórico de produção com os quais dialoga ou diverge.

Figura 4: Microconto Ciência



Fonte: Instagram, 2024.

O título “Ciência” do microconto vem trazendo de início a ciência como um conhecimento científico, como uma autoridade representante e responsável por saberes com desenvolvimento de estudos técnicos precisos. Quanto ao enunciado do *corpus*, ressalta o que aponta Fiorin (2011) em seus trabalhos em relação ao dialogismo de Bakhtin, de que todo enunciado é atravessado pelo discurso do outro, sendo uma resposta a outro enunciado. Sendo assim, na segunda parte do *corpus* “e mais uma vez ela salvou o mundo”, ressalta outro posicionamento reafirmando os feitos alcançados pela ciência

Nesse sentido, a afirmação de que a ciência salvou o mundo outra vez evidencia o que Fiorin (2011) defende, visto que esse enunciado é a resposta a outros enunciados anteriormente já ditos, que dialogam diretamente com o enunciado do microconto, pois o discurso do microconto reconhece e ressalta a importância da ciência para a humanidade.

Ademais, o contexto histórico-social do microconto “Ciência” insere-se no ano de 2021, em 8 de janeiro, período marcado pelo enfrentamento da pandemia da COVID-19 e pelo início da vacinação. Pensando no recente período pandêmico, que assolou a humanidade, o microconto “Ciência” relaciona-se a esse momento, louvando a ciência como heroica por desenvolver vacinas e medidas protetivas.

Como salienta Fiorin (2011), apoiado nos estudos Bakhtinianos, as relações dialógicas nem sempre são harmônicas, havendo também divergências entre as vozes do discurso. O microconto, como observamos, dialoga com discursos que reconhecem a ciência como essencial à humanidade, especialmente no contexto da pandemia e do desenvolvimento de

vacinas, divergindo de discursos de negacionismo científico, negação da pandemia e, por conseguinte, das *Fake News* que propagaram informações falsas. Dessa forma, o microconto revela um posicionamento político que valoriza o conhecimento científico e reforça sua fundamental importância na preservação da vida.

Como já discutido, todo discurso surge como resposta a outro discurso alheio, sendo um resultado das muitas outras vozes executadas em uma nova perspectiva particular da pessoa que o realiza. Assim, quando o autor do microconto menciona “E mais uma vez”, ele realiza uma intertextualidade com todos os outros discursos proferidos sobre os feitos da ciência, que desempenhou o papel de salvadora contribuindo para a qualidade de vida dos seres humanos em outros contextos passados. A concisão do microconto revela sua complexidade e como os sentidos estão presentes no não-dito, requerendo um leitor investigador e com conhecimentos de mundo.

Desse modo, embora o microconto seja um texto que apresenta uma forma composicional curta, ele é capaz de suscitar a imaginação a partir dos conhecimentos de mundo do leitor. O microconto é capaz de retomar um contexto sócio-histórico pelo conteúdo conciso, abordando temas com uma linguagem objetiva e impactante ao leitor, causando sentimentos e reflexões. Ademais, o microconto possui uma certa estabilidade como gênero discursivo, pois Bakhtin (2011), diz que cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso, que possuem elementos como conteúdo temático, o estilo, a composição.

4 OS GÊNEROS TEXTUAIS DIGITAIS E OS MULTILETRAMENTOS

A tecnologia e seus avanços ampliaram a comunicação de forma ímpar, aproximando os sujeitos que se encontram distantes, transformando e inovando a interação entre os sujeitos e a linguagem. No entanto, Rojo e Moura (2019), ressaltam que não se deve atribuir as “mudanças culturais e sociais” apenas ao advento das novas tecnologias, mas reconhecer que o surgimento de inovações nos “modos e na circulação” do trato com a linguagem influencia consideravelmente a vida em sociedade.

Nesse novo contexto tecnológico, temos os gêneros discursivos que ganharam novos meios de vinculação e circulação, ou seja, novos suportes textuais, entendidos por Marcuschi (2008), como “local físico ou virtual onde são materializados os gêneros”. Porém, os gêneros não são apenas o texto materializado. Nessas circunstâncias, emergem os gêneros discursivos digitais que exigem diferentes ações nos mais variados ambientes virtuais, de acordo com a necessidade linguística e situacional de cada indivíduo.

Nesse sentido, Luíz e Rocha (2020), defendem que é necessário levar em consideração a importância e o espaço que a tecnologia ocupa atualmente e a simultaneidade do meio virtual, onde os gêneros textuais digitais são criados/confeccionados. Os gêneros textuais digitais são discursos que são constitutivos de uma ação social, e que requer um posicionamento dos sujeitos enquanto cidadãos, de forma plena linguisticamente. Desse modo, ocorrendo a necessidade consequentemente da discussão com relação ao letramento. Como mencionado por Ribeiro (2021):

Existem comunidades e pessoas analfabetas ou de baixíssima escolaridade que são, a despeito disso, letradas, estando inseridas de alguma maneira nas práticas sociais que envolvem a cultura escrita, especialmente se viverem em espaços urbanos, onde a presença de elementos gráfico-visuais ligados à palavra é inescapável (Ribeiro, 2021, p.43).

A imersão dos sujeitos em comunidades e culturas letradas faz com que eles se sintam motivados por essas vivências e desenvolvam habilidades de indivíduos “letrados”, mesmo em comunidades com baixos níveis de escolaridade, pois esses sujeitos participam de forma ativa das ações sociais que exigem a utilização dessa cultura de acordo com suas necessidades. Essa exigência é mais requerida em ambientes urbanos, principalmente aqueles com uma maior incidência da demanda do emprego de leitura e escrita em contextos sociais particulares e em diferentes modos de comunicação presentes em todo espaço urbano em formas diversas.

Magda Soares (2009) esclarece que o processo de alfabetização é a ação de ensinar/aprender a ler e a escrever, ou seja, para um sujeito ser considerado alfabetizado não significa necessariamente que seja letrado, visto que somente saber ler e escrever não basta, pois o letramento está para além disso.

Dessa forma, o letramento como é mencionado por Soares (2009), está relacionado a adequar a leitura e a escrita aos propósitos sociais, uma vez que o letramento diz respeito ao “Resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita, o estado ou condição que adquire, um grupo social ou um indivíduo, como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais” (Soares, 2009, p. 39). Assim, observamos que o letramento compete a proficiência do domínio da leitura e da escrita no contexto das práticas sociais, com o uso de diferentes gêneros e modos de produzir sentido linguisticamente, o que internaliza uma conduta no sujeito.

Para tais condutas a exercer essas atividades, surge a perspectiva de extensão desse letramento, daí emergem os novos letramentos, ou seja, os multiletramentos, acompanhando os textos multimodais juntamente com a diversidade cultural e linguística em curso. As autoras Rojo e Moura (2019), dizem que os multiletramentos indicam a diversidade cultural e das várias linguagens aos textos discursivos da contemporaneidade impulsionando os múltiplos letramentos, sendo os multiletramentos nas diversas culturas e linguagens, desde imagens, gestos, linguagem verbal, oral e escrita etc. Ribeiro (2021) respalda ainda que essas demandas da vida contemporânea demanda também esses novos letramentos, que de certo modo são adjetivados, ao especificar competências a cada letramento que desponta da modernidade, englobando as transformações da vida em sociedade em tempos vigentes.

4.1 Letramento digital

Os gêneros discursivos digitais diferentemente do impresso são mais dinâmicos, e dependendo do gênero em questão pode possuir marcas como a instantaneidade, a interatividade e a multisssemiose/multimodalidade, as quais auxiliam e facilitam a compreensão, entretanto, a multisssemiose também está presente em gêneros impressos de forma mais estática. Além disso, a multisssemiose é um atrativo a mais aos gêneros digitais, os quais possuem o uso de elementos composicionais verbais e não verbais como imagens, cores, fonte diferenciada, sons, símbolos, emojis, escrita e entre outros aparatos comumente a esse ambiente midiático, que chama atenção dos usuários/navegadores e também são normalmente curtos. Nessa perspectiva, Rojo e Barbosa (2015) afirmam que:

Um texto multimodal ou multissemiótico é aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição. Língua oral ou escrita, linguagem corporal, áudio, imagens estáticas e em movimento.. compõem hoje os textos da contemporaneidade, tanto em veículos impressos como principalmente nas mídias analógicas e digitais (Rojo; Barbosa, 2015, p.108).

Conforme o que é abordado pelas autoras, os gêneros discursivos digitais e impressos possuem marcas expressivas da multissemiose com várias modalidades de linguagens utilizadas amplamente, principalmente no meio digital. Como já mencionado, nos comunicamos e pensamos por enunciados estabilizados em gêneros do discurso, que ganham uma nova roupagem nas mídias sociais em todas as esferas da linguagem, concebendo uma relação particular e inovadora. Pensando na multissemiose em gêneros discursivos digitais, temos o microconto que quando combinado com várias linguagens agrega mais sentidos e significados, visto que o microconto é conciso e marcado pela brevidade, fortalecendo a comunicação associando aspectos linguístico-estilísticos como um recurso da expressividade.

Dessa maneira, os microcontos pertencem a universos complementares entre o impresso e o digital. A transmutação de suporte não diferencia os microcontos no que confere sua natureza como tal. O que acontece é a expansão do gênero na *Internet*, tanto na sua composição quanto no uso de recursos e as possibilidades de contato com o todo. Como no Figura 5, abaixo da publicação do *story* do microconto “Hiato” acompanha uma figurinha de um homem com uma TV no rosto, composição disponível na página do *Instagram*, à disposição para o uso criativo.

Figura 5: Microconto Hiato



Fonte: *Instagram*, 2024.

O recurso das publicações do *story* no *Instagram* tem como objetivo postar um conteúdo com 24 horas de duração, na qual os seguidores do perfil @microconto podem visualizar e interagir, reagindo ou curtindo a publicação. A curtida é simbolizada com o emoji de coração vermelho (lado direito) e tem a opção de responder o *story*, interagindo com a leitura do microconto “Hiato”, além disso, na postagem também pode-se visualizar quanto tempo foi feita a publicação.

Entendendo a multimodalidade apresentada por Rojo e Barbosa (2015), no microconto, acima, pode ser explorada pela conexão entre os elementos composicionais e pelo conteúdo conciso que transmite uma sensação de repetição e estagnação na própria estrutura do texto, reforçando a ausência de progresso e um certo desânimo. A cor neutra de fundo colabora com a sensação de suavidade e calma sem acontecimentos, associada ao “silêncio e pausa”, em contraste com a imagem em preto e branco de uma pessoa com uma TV na cabeça, antiga e sem sinal, remonta novamente à monotonia, tanto pela imagem em preto e branco quanto pela tela da TV cinza, remetendo ao “nada novo”, a monotonia da vida cotidiana com os mesmos acontecimentos de sempre, sem novidades na exaustão da sua rotina. Cada elemento composicional reforça os sentidos do microconto, apoiado por cada recurso multimodal, que associa os múltiplos modos de comunicação de forma a constituir os sentidos e significados a cada elemento.

Desse modo, na vertente do letramento como práticas sociais discursivas associadas à noção dos multiletramentos, os microcontos nas redes sociais como o *Instagram*, abre a discussão da perspectiva do letramento digital, as condutas e os discursos virtuais. Discussão imprescindível quando é mencionado o estudo da funcionalidade do gênero digital em virtude do que alude Soares (2002):

É que estamos vivendo, hoje, a introdução, na sociedade, de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica – o computador, a rede (a *web*) e a Internet. É, assim, um momento privilegiado para, na ocasião mesma em que essas novas práticas de leitura e de escrita estão sendo introduzidas, captar o *estado ou condição* que estão instituindo: um momento privilegiado para identificar se as práticas de leitura e de escrita digitais, o letramento na cibercultura, conduzem a um estado ou condição diferente daquele a que conduzem as práticas de leitura e de escrita quirográficas e tipográficas, o letramento na cultura do papel (Soares, 2002, p.146, grifos da autora).

Atualmente, pode-se dizer que as “novas modalidades de práticas sociais de escrita e de leitura” proporcionadas pelas tecnologias é a realidade da sociedade, em que as pessoas

vivem conectadas nos diferentes tipos de telas, seja em celulares ou computadores. O meio eletrônico possui a leitura e a escrita assim como no impresso, no entanto, o ambiente digital é favorecido com novas ferramentas combinatórias e com a interação de diversas formas de linguagem, o que o diferencia do impresso.

Nesse sentido, mesmo que o meio impresso possua múltiplas linguagens, ele não terá as mesmas ferramentas e benefícios como no ambiente digital, seja na produção ou na disseminação instantânea de enunciados. Além disso, o meio digital permite aos leitores a diminuição da distância entre apreciadores e produtores, e assim por diante, porém isso não desqualifica as leituras do impresso. Soares (2002), ressalta que é interessante fazer uma ponderação analítica quanto ao “estado ou condição” das novas práticas sociais de leitura e escritas digitais no que se refere ao letramento digital chamado de “letramento na cibercultura”.

Conforme Coscarelli e Ribeiro (2005), “o letramento digital compreende as práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e *tablets*, em plataformas como o *e-mail*, redes sociais na *web*, entre outras”. Ademais, segundo Coscarelli e Ribeiro (2005), o letramento digital é entendido como ações sociais de leitura e produção de textos discursivos no âmbito digital, com o uso dos conteúdos por meio de dispositivos.

Como forma de aprofundamento da concepção de letramento digital de Coscarelli e Ribeiro (2005), Soares (2002, p. 151), contribui dizendo que o letramento digital é “Um certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do *estado* ou *condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel” (grifos da autora). Percebe-se que Soares (2002) entende o letramento digital também como práticas sociais de leitura e de escrita no espaço virtual. Entretanto, enfatiza que exercer qualquer atividade nos meios digitais é um “estado e condição” que os indivíduos assumem o domínio das ferramentas tecnológicas.

A seguir, serão verificados os fatos e as características do letramento digital na confecção de microcontos no *Instagram*. Observamos pontos importantes que revelam a familiaridade e o manuseio dos usuários e do produtor com o espaço virtual, no qual mostra a publicação na plataforma acompanhada de comentários dos usuários e seguidores do perfil @microcontos.

Figura 6: Microconto Reconexão e comentários



Fonte: Instagram, 2024.

Analisando a Figura 6 do lado direito, tem-se o microconto alinhado a suas especificidades breves em consonância com espaço digital, demonstrando o domínio do autor com as ferramentas da plataforma juntamente a sua habilidade na elaboração dos conteúdos publicados. Os comentários (lado esquerdo) refletem o que Soares (2002, p.151), afirma com relação a interação nos gêneros discursivos que “[...] a tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento.”

Conforme Soares (2002) e de acordo com a análise da Figura 6, percebemos que a interação entre o leitor e escritor é direta, e da mesma forma entre leitor e leitor, os quais podem estar reagindo com um coração ao comentário da postagem utilizando elementos multimodais ou mesmo respondendo marcando o @ de qualquer outro usuário da conta do *Instagram*, chamando sua atenção.

Nessa perspectiva, os conhecimentos ativados pelo microconto permitem refletir a repensar criticamente o comportamento humano como visto no comentário de @enricodemunno, demonstrando sucesso ao objetivo do microconto, mostrando as condutas do letramento digital, as quais evidencia a percepção de Zacharias (2016, p.151) de que “[...] o letramento digital exige tanto a apropriação das tecnologias – como usar o mouse, o teclado, a barra de rolagem, ligar e desligar os dispositivos – quanto o desenvolvimento de habilidades para produzir associações e compreensões nos espaços multimidiáticos.” Revelando, ao comentar a publicação do microconto, não apenas um domínio técnico dos recursos do *Instagram*, mas também uma visão crítica e analítica ao interpretar o microconto

“Desconectar para si conectar”, associando-o ao contexto digital e à sociedade ao construir significado.

4.2 Letramento literário

A vida é perpassada pela escrita antes mesmo do nascimento, durante a vida cotidiana nas atividades realizadas, explicando assim a grande valorização pelo domínio da escrita e da leitura que experimentamos. No entanto, na perspectiva do letramento, somente a escrita e a leitura não são condições que possam determinar um sujeito letrado, porém a escrita e a leitura é parte constituinte de um sujeito letrado.

Nessa vertente, Souza e Cosson (2011), esclarecem dizendo que o letramento está relacionado em como é utilizado essa escrita, ou seja, está inteiramente ligado às ações que executa-se com a escrita, ultrapassando a leitura e escrita em sua simplicidade, pois o letramento é a designação das práticas sociais da escrita que engloba capacidades, conhecimentos e processos interativos das relações de poder, que estão relacionadas ao uso da escrita em diferentes contextos e meios determinados de sua ocorrência.

Ademais, ao considerar o letramento como práticas sociais, atentando-se para a gama de formas que se utiliza da escrita, Souza e Cosson (2011), pontuam que considerando essa multiplicidade referente ao letramento, o mais assertivo seria tratar não apenas como “o letramento” mais como “os letramentos” ou mesmo como multiletramentos, de forma a abarcar toda a dimensão da complexidade em que as diferentes formas da comunicação vivenciam na contemporaneidade.

Na pluralidade dos letramentos tem-se o letramento literário, que possui uma relação diferenciada com a escrita no trato com a língua, e como representação de mundo de modo particular ao universo literário. Sendo que “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (Cosson, 2006, p. 17). Ocorrendo o letramento pela própria palavra em textos literários, que necessita da escola como norteadora desse processo do letramento literário, visto que a leitura de textos não o concretiza por si mesmo. Nesse sentido, segundo Cosson (2019, p. 23):

Devemos compreender que o letramento literário é uma prática social, e como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (Cosson, 2019, p.23).

Assim, de acordo com Cosson (2019), a importância de entender o letramento literário como uma prática social coloca a responsabilidade de sua promoção sobre a escola. O autor argumenta que a discussão não deve ser sobre se a literatura deve ou não deve ser ensinada na escola, mas sim sobre como realizar esse ensino sem descaracterizá-la. A preocupação consiste em evitar que a literatura perca sua autenticidade ao ser introduzida no ambiente escolar, tornando-se algo superficial, que em vez de confirmar, compromete seu potencial humanizador.

Nessa perspectiva, a reflexão sobre como ensinar literatura é importante, pois o ensino tradicional nas escolas foca nas características dos autores e dos movimentos, “letrando pela leitura”, importando-se pela quantidade de textos lidos e não na qualidade do ensino literário. O que sugere uma abordagem do letramento literário educacional em que se preserve a essência e o poder transformador da literatura.

Assim, quando o letramento literário se encontra na Educação Básica, é encarregado, segundo Cosson (2019), de formar um aluno leitor com habilidades de leitura e de escrita construindo sua cultura, porém saber ler e escrever não significa que é necessariamente letrado literariamente. O letramento literário é posto por Rosa (2011), baseada nos estudos de Paulino (2010), como algo que potencializa o aluno, o sujeito em geral, tornando-o um leitor inteligente que saiba dar valor à leitura literária, à sua estética e construção, e como essas denotam sentido. Assim, o aluno acaba aderindo às leituras literárias como um *hobby* ou mesmo a depender do sujeito, como uma necessidade, tendo como variante o contexto em questão. Conforme Paulino (2004):

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção (Paulino, 2004, p 23-24).

O entendimento das habilidades e domínios que os leitores devem ter, visto que Cosson (2019) menciona a importância da escola na consolidação do letramento literário, é de que sejam capazes de fazer suas próprias escolhas literárias realizando suas leituras com proficiência. Dessa maneira, os textos literários seja na dimensão verbal ou artística permitem ao leitor reconhecer a proposta textual da narrativa, os discursivos provenientes da

subjetividade, o diálogo entre os discursos sociais presentes, seus elementos históricos e o contexto da produção. Assim, vê-se que o letramento literário é um processo contínuo inacabado que transcende para além do ambiente escolar, isso devido ser indissociável ao pessoal (Paulino, 2004).

Nessa perspectiva, o letramento literário para Pinto (2014) não é restrito de valores, se ocupando de leituras literárias apenas, uma vez que a literatura não é neutra, pois tem ponderações de valores sociais com condutas e critérios, com o que é entendido como literário e a maneira de engajamento para com as leituras literárias.

Conforme Marcuschi (2008), para entender um texto é necessário se transpor para além do texto na busca da produção de sentido, em que “[...] entender um texto não equivale a entender palavras ou frases; entender as frases ou as palavras é vê-las em um contexto maior; entender é produzir sentidos e não extrair conteúdos prontos; entender o texto é inferir numa relação de vários conhecimentos.” (Marcuschi, 2008, p.233). Ou seja, ler é construir sentidos, e para entender um texto de forma efetiva é necessário ir além da superfície textual, é preciso fazer inferências e a partir daí construir novos conhecimentos.

Ademais, Colomer (2007), refere-se que os gêneros literários abarcam todos os discursos sociais, assim a leitura desses gêneros prepara qualquer leitor ou aluno para realizar a leitura de todos os discursos recorrentes em sociedade. O que contribui com a vertente de que os textos literários promovem um ganho educativo gradativo de leitura e escrita, assim como do ensinamento da funcionalidade da língua.

O alunado da Educação Básica é um público que está tendo os primeiros contatos com a literatura adequada a sua faixa etária, que seria a juvenil. Porém, muitos alunos não possuem o hábito da leitura de textos literários, principalmente, textos impressos, pois durante seu cotidiano estão constantemente com celulares em mão lendo virtualmente. Partindo disso, trabalhar o microconto para desenvolvimento de habilidades de letramento literário é possível de ser pensado para prática da sala de aula, desenvolvendo estratégias de leituras inteligentes, de produções textuais e existindo também a possibilidade de socialização. Como podemos observar a seguir, os microcontos enquanto um gênero literário tem toda sua amplitude da linguagem literária, como se pode ver no microconto “Camaleão”.

Figura 7: Microconto Camaleão

Fonte: *Instagram*, 2024.

Na análise do texto “Camaleão” vemos que a extensão textual é bastante curta, transmitindo apenas o essencial da história. Quanto à linguagem apresentada, é simples e objetiva no sentido de que cada palavra carrega uma estratégia que colabora com seu objetivo construtivo. Que diz respeito ao sentido almejado à sua construção, que é aberta para a subjetividade interpretativa. O sentido figurado começa no início com a palavra camaleão. O camaleão é um animal com o hábito da camuflagem nos ambientes. Aludindo ao sentido da camuflagem, que é uma habilidade que não é exclusiva do camaleão, ou seja é um comportamento que pode ser feito também pelas pessoas, em sentido metafórico. Nesse sentido, no microconto, a ideia de camuflagem faz referência às aparências, relacionada ao comportamento humano.

Dessa maneira, pode-se entender que essa camuflagem se refere a um sujeito que é mais tímido e que não gosta de está no centro das atenções, sendo mais reservado e por valorizar e desejar permanecer no anonimato, pois prezava por ele, e por aderir ao anonimato ficou invisível como um camaleão, ao ambiente. Essa percepção sugere que essa camuflagem ao ambiente o tornou anônimo sem identidade, exatamente por apreciar o “anonimato”. Fato esse que faz uma crítica em relação à necessidade de adequação a certos ambientes sociais, tendo que se ajustar a eles. O que faz com que os indivíduos acabem por perder sua identidade pessoal, tornando-se parte constituinte de um ambiente como um camaleão quando se sente ameaçado ou intimidado utilizando suas estratégias de disfarce.

Quando o microconto apresenta “se camuflou ao ambiente”, isso reflete na vida em sociedade em que os sujeitos adotam ou preferem por esta longe do centro das atenções para evitar conflitos, exposição das suas vidas pessoais ou profissionais, julgamentos e motivos outros, optando por não realizar atividades que os destaquem, seja na vida pessoal ou

profissional, podendo estar relacionado também a transtornos sociais de medo ou desconforto diante de um público maior.

As narrativas dos microcontos transmitem temas delicados de serem abordados, como é observado no próximo microconto, vale destacar que muitos sentidos dos microconto são dados pelo que não é dito. Teles (2008, p. 62), aponta que “O texto literário contém vazios que, durante o ato da leitura, levam o leitor a decifrá-los”. Nesse sentido, o microconto é um gênero que amplia as possibilidades de sentido nos “vazios” deixado pelo autor, a fim de que o leitor possa preencher essas lacunas de sentido, aumentando sua participação no texto, além de despertar o lado investigativo e o imaginário na subjetividade, como diz Teles (2008), para “captar o não dito”.

Figura 8: Microconto com imagem de fogueira



Fonte: Instagram, 2024.

No microconto cada palavra é colocada de forma estratégica, possui uma narrativa breve, porém completa e rica em detalhes, os quais preenche as entrelinhas da história. A breve descrição do lugar em “o crepitar da madeira, vermelho flamejante” sugere um ambiente que é acolhedor ao descrever a lareira que “espantava o frio”, introduzindo para temática principal a morte da mãe em que o pai é incumbido de dar a notícia ao filho, que ainda é uma criança.

Desse modo, o sentido figurado encontra expressivamente quando pai conta ao filho no trecho o “menino ainda acreditava em anjos”, deixando subentendido que a mãe tinha virado anjo ou mesmo que estava com os anjos, considerando a criança um ser inocente para entender a morte, tanto que a criança não ficou triste “A notícia deixou o feliz”. E logo em seguida no desenvolvimento da narrativa quando diz que “aprendeu o caminho do cemitério”,

isso demonstra o amadurecimento e entendimento da criança sobre realidade da perda da mãe, apresentando de certo modo o contraste do início do microconto com seu desfecho final, a inocência inicial e a consciência da realidade.

Nessa perspectiva, as autoras Rojo e Barbosa (2015), ressaltam a importância de que precisamos levar em conta as características multimodais ou multissemióticas dos gêneros para a construção dos sentidos. No microconto, a composição multimodal das cores em preto e branco dialoga com a seriedade do ambiente de luto, a lareira simboliza o acolhimento e o cuidado psicológico do pai com o filho diante da perda da mãe. As chamas da lareira podem representar a continuidade da vida em meio à tristeza. Esses elementos contribuem para o sentido do gênero, ampliando a experiência reflexiva do leitor.

A situação narrada é comum para muitas pessoas, pois retrata o luto pela partida de familiares e amigos que precisam lidar com o luto, especificamente, quando envolve crianças, as quais recebem a notícia de forma mais sutil e amenizada, valendo-se da inocência do imaginário infantil para tratar da morte de maneira indireta. Assim como o pai faz na história narrada ao contar para o filho sobre a morte da mãe, de uma maneira mais delicada a ser abordado com crianças. E dessa forma, como acontece no final do microconto, a partir do momento em que as crianças vão crescendo e amadurecendo passam a compreender o processo do luto e a vivenciar essas experiências da vida sem amenização.

Desse modo, os microcontos enquanto gênero literário exige dos alunos uma leitura ativa e cooperativa, uma vez que os sentidos das entrelinhas são preenchidos por quem está realizando a leitura, na subjetividade pelo que é dado. Entendendo que leitura literária com base em Guimarães e Batista (2012, p.21) “situa-se entre a conotação e a denotação, entre a realidade e a imaginação com a participação ativa do leitor com um convite adentrar ao mundo da verossimilhança”. Os alunos durante a leitura do microconto podem estar percebendo os sentidos literários figurados do literal, interligando os significados que exigem tanto a imaginação como relacionar a literatura com o social pela “verossimilhança”, ao transmitir verdades de questões humanas, importantes ao processo de letramento literário.

4.3 Aspectos sócio-históricos e funcionais do microconto

Um fato incontestável na relação do surgimento de novos gêneros discursivos é a correlação do uso intensivo na comunicação maleável e na situação comunicativa associada aos novos meios comunicativos tecnológicos, porém a tecnologia não é unicamente a responsável pela criação desses novos gêneros, mas sim como estas ações refletem e moldam

o cotidiano dos sujeitos como afirma Marcuschi (2005). Pontuando ainda que esses gêneros que surgem na contemporaneidade mantêm relações com outros gêneros, que divergem justamente no uso, pois vai se ajustando e se transformando em algo novo. O autor nessa vertente diz que:

Seguramente, esses novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações ab ovo, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes. O fato já fora notado por Bakhtin [1997] que falava na “transmutação” dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro gerando novos. A tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas (Marcuschi, 2005, p. 20).

Nesse sentido, notamos que autor aponta que esses novos gêneros não são originados em absoluto do advento da tecnologia, e sim, que são originados com base em outros gêneros já efetivos por meio de um processo de mutações que transformam-se em um novo gênero, sendo o caso, por exemplo, do microconto que é disseminado no ambiente virtual, porém não é algo absolutamente novo, pois possui traços semelhantes originários, principalmente, com o gênero conto.

Ademais, o microconto entendido como resultado de um processo diminutivo do conto, mantém sua qualidade enquanto um texto literário e significativo, que estimula o leitor a desbravar os sentidos que estão postos e incluídos nos enunciados não ditos. Dessa forma, a história do conto também é a origem do microconto até seguirem traços e caminhos divergentes, pois as características de cada gênero em questão forma suas identidades. Desse modo, inicialmente ambos os gêneros originaram-se na oralidade por meio da contação de histórias em rodas de conversas, que quando escritas ao decorrer do tempo foram evoluindo e se moldando ao que conhecemos como conto e sua miniaturização no miniconto, que é altamente conciso.

O gênero miniconto ou microconto, entre outras denominações, começou a surgir a partir do século XX, ganhando visibilidade na década de 60, porém adquiriu grande notoriedade no século XXI. Como o conto e o microconto convergem historicamente, eles acompanham os avanços da sociedade que absorvem essas mudanças, como foi o caso do surgimento da imprensa que fez com que os contos fossem disseminados socialmente de forma escrita e o que futuramente vai estreitar e largar sua relação com o microconto, sendo mais popularizado na América Latina, com efervescência, mesmo existindo em outros países.

Devido a motivações sociais-políticas e tecnológicas, especificamente, nos EUA, é formulado o que é considerado o conto moderno (Bueno, 2021). Assim, conseqüentemente suas várias denominações na tentativa de nomear os contos que estavam marcados cada vez

mais por sua natureza curta, sendo uma particularidade da literatura da América Latina. Conforme Bueno (2021, p. 39), a literatura latinoamericana é a “responsável pela difusão inicial do gênero miniconto, tendo não apenas apresentado antologias como também estudos acadêmicos acerca do que eles chamam de ‘microrrelato’”.

Nesse sentido, de acordo com Bueno (2021), a literatura latina foi significativa para a popularização dos minicontos nomeados até então de microrrelato, indo para além de antologias, mas que contribui também com estudos acadêmicos que exploram e analisam os microcontos de uma forma diferenciada da literatura, reconhecendo os atuais microcontos como uma significativa e importante forma de expressividade literária.

Para alguns autores como Gomesa (2013), a quantidade de caracteres que uma produção de uma micronarrativa possui influenciará na sua denominação, na qual o autor considera como microconto caso possua 150 caracteres, no entanto essa é uma questão em aberto que no geral vai depender da perspectiva que cada um adota, como pode ser percebido nos microcontos das análises. O fato é que não deve se prender a sua extensão, visto que o microconto é um gênero que expandiu-se grandemente nas redes sociais, que presa pela sua velocidade e brevidade, considerado como nascido no ambiente virtual, porém é sabido que esse gênero se ampliou virtualmente e não que seja exclusivo dos meios digitais.

Assim, como pontua Gomesa (2013), ancorado nos estudos de Rodrigues (2005), em que diz: “o microconto marca a ascensão do mundo digital, eletrônico, computacional, internético, que sepulta — sem ultrapassar — o universo das máquinas mecânicas”. Conforme os autores, o microconto marca uma fase de transição para um tempo marcado pela era digital, superando “as máquinas mecânicas” sem substituí-las, porém alcançando outros lugares e fronteiras impulsionadas pelas tecnologias computacionais.

Nesse sentido, o microconto é tido como uma demonstração artística que dialoga e se adequa às mudanças, sejam tecnológicas ou socioculturais da contemporaneidade. Considerando a origem do microconto que está ligada ao conto, à tecnologia e aos usuários das redes sociais que apreciam a simultaneidade, o microconto entra em consonância com o que é posto por Silva (2013), conforme citado por Bueno (2021), o miniconto leva “ao extremo todas as características que qualificam um texto como conto, isto é, se um conto é breve, o miniconto será brevíssimo; se um conto é conciso, o miniconto será ainda mais conciso” (Silva, 2013, p. 86).

Assim notamos que amplifica de forma mais acentuada a concisão que já é presente no conto, que no microconto é levada ao extremo com narrativas em poucas palavras em um pequeno espaço, chegando a ser instigante tanto a quem escreve como quem o consome. A

sua concisão e redução de caracteres no ambiente virtual é amplificada nos sentidos com o uso de recursos multissemióticos regado pela urgência da comunicação instigada pela era digital.

Quanto à disposição e à funcionalidade do microconto, é notório que os microcontos ocupam vários espaços, uma vez que são encontrados em *sites*, redes sociais como *X* (antigo *Twitter*), *Instagram*, e também no impresso. A depender da disposição a qual os microcontos sejam encontrados, os sentidos denotados e associados são impulsionados por diferentes formas de comunicação e utilização da linguagem.

Nessa perspectiva, em relação aos escritores desse gênero em particular, leva-se em consideração a constatação de Schollhammer (2009, p. 10), que “O escritor contemporâneo parece estar motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la na sua especificidade atual, em seu presente”. Assim, os escritores são motivados pelo anseio de conexão com a realidade histórica na qual vivem, porém reconhecendo a dificuldade de sua transmissão em sua essência como o tudo, reconhecendo as limitações dessa atividade.

Ademais, os escritores dos microcontos da mesma forma são motivados pela urgência de relacionar a realidade em conjunto com a concisão da escrita em espaços limitados como o digital, que é marcado pelo dinamismo da simultaneidade. Já que o leitor é desde um leitor assíduo entusiasta do microconto ao outro que só está navegando sem objetivo de necessariamente apreciar um microconto, que demonstra a linearidade assim do seu público leitor.

O gênero microconto na esfera literária é estimulador, visto que tem como essência condensar uma história que envolve seu leitor fazendo com que este visite experiências outras, que absorvem sentidos às poucas palavras ali dispostas que estão associadas a outras linguagens. A ação do leitor de procurar sentido no dito e nas entrelinhas do não – dito, vai depender do conteúdo exposto, temos no microconto a capacidade de conexão com experiências da vida em sociedade, sobre seus aspectos sociais, estimulando um pensamento reflexivo mantendo um agir sobre o microconto, possibilitado pela literatura.

Os microcontos podem apresentar formas de linguagens mistas com a utilização de enunciados incorporando recursos imagéticos e audiovisuais, aumentando o alcance da dimensão de sentidos do microconto. Nesse sentido, por seguinte, teremos a análise de dois microcontos multissemióticos, pontuando o diálogo entre o verbal e o visual em seus aspectos estruturais, no qual as produções textuais formam um panorama da dinâmica produtiva dos microcontos verbo-visuais.

A multimodalidade pode ser entendida como os diferentes modos de comunicação com expressividades em sentidos, considerando as diversas relações entre os sistemas semióticos, associando a isso a convenções visuais que colaboram com a interpretação de microcontos, o que influencia em como os significados serão percebidos pelas pessoas que tenham um contato com os microcontos, e com o emprego de diferentes formas de linguagem na realização da comunicação.

Na atualidade, é importante para o processo de produção e leitura trabalhar com a multimodalidade presentes nos gêneros textuais, como é o caso do microconto. Como exemplo dessa contemporaneidade, os microcontos, por influência das mídias digitais e pelo veículo que circula, é um gênero que tem no seu processo produtivo componentes multimodais que compõem os seus sentidos. No microconto, abaixo, observamos de início o destaque dado à imagem das moedas e aos enunciados, com uma narrativa que mesmo sendo significativamente pequena está repleta de significados.

Figura 9: Microconto com imagem de moedas



Fonte: *Instagram*, 2024.

O microconto narra a vida de uma pessoa em situação de rua em um tempo contínuo, para demonstrar sua recorrência com um espaço referido como sendo uma área turística, onde o protagonista fica sentado em um local em que há uma grande circulação de pessoas. Dessa forma, as personagens principais são o morador de rua e os turistas. No entanto, no desenrolar da narrativa vemos que apesar das disparidades econômicas existentes entre os dois personagens, o “mendigo” valoriza sua riqueza ao apreciar os detalhes das vestes dos que ali passavam, pois é humilde e rico em valores que transcendem a materialidade.

Dessa maneira, essa abordagem analítica da leitura do microconto exige o desenvolvimento do letramento literário, cujo objetivo, conforme Vieira (2015), é formar leitores mais críticos, capazes de compreender de forma efetiva os vários significados que permeiam uma obra literária, refletindo de forma crítica sobre o contexto presente na obra e a realidade que o cerca.

A imagem que acompanha o microconto tem uma comunicação direta com os enunciados, e dialoga com essa narrativa da desigualdade social, e valores em que as moedas representam o dinheiro oferecido/dado pelos turistas a ele, um valor incoerente com suas vestes, como observado em “as roupas, os acessórios brilhantes e caros” em contraste como “uma manta velha”. Mas esses turistas não tinham o brilho no olhar, a felicidade, apesar de suas vestes caras, eram sem vida ou emoção, dito na expressão “olhares baços”.

Ademais, a existência dos verbos indicativos de tempo e espaço: “sentado”, “embrulhado”, “pedia”, “apreciava” exalam um sentimento de resignação e observação de todos que ali passavam, observando com um olhar atento aos detalhes ao seu redor. Os aspectos visuais e verbais do microconto refletem no leitor uma reflexão sobre a vida e uma reeducação do que realmente significa verdadeiramente um indivíduo rico.

Esses aspectos verbo-visuais, conforme Rojo e Moura (2019, p. 203), abordam a prática letrada de multiletramentos ou novos letramentos na leitura da combinação de diferentes linguagens e formas comunicativas de diversas culturas, refletindo as transformações sociais e culturais. A leitura das combinações de linguagens no gênero digital microconto também demanda condutas inerentes ao letramento digital, como mencionado anteriormente por Soares (2002), que define o letramento digital como o “estado ou condição” de domínio da tecnologia no tocante à prática da leitura e escrita no ambiente digital. O microconto, como pode ser observado acima, é projetado e adequado ao ambiente digital devido à sua concisão e estética, integrando imagem e texto na rede social *Instagram*, proporcionando ao leitor uma leitura rápida e impactante, com temas de cunho social e reflexivo realizados em segundos.

5 PROPOSTA DE ENSINO: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE O GÊNERO MICROCONTO

5.1 Apresentação da sequência didática

A presente sequência didática é parte constituinte do desenvolvimento das atividades da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no curso de Licenciatura de Linguagens e Códigos- Língua Portuguesa. Tem como objetivo trabalhar o gênero microconto como conteúdo de ensino na Educação Básica, no Ensino Fundamental. Desta forma, as atividades da sequência didática foram desenvolvidas como uma proposta didática para turmas de 9º ano.

A sequência didática quando desenvolvida para os estudos dos gêneros discursivos, segundo Rossi (2011), deve ser elaborada de forma que os alunos compreendam o gênero como o todo por meio da leitura, se atentando a sua composição e seus aspectos, considerando suas informações, função social e o propósito comunicativo, a fim de promover um cidadão ético e crítico atuante socialmente. A autora propõe que as sequência possuam módulos didáticos que constem: “leitura para apropriação das características típicas do gênero discursivo; a produção escrita do gênero de acordo com suas condições de produção típicas; a divulgação ao público, de acordo com a forma típica de circulação do gênero” (Rossi, 2011, p.72).

A seleção do gênero microconto como objeto de conhecimento para o ensino na Educação Básica foi motivado por possuir o ímpeto para o desenvolvimento contínuo da leitura de forma desafiadora ao se apresentar ao leitor-aluno, a capacidade de síntese, estimulando nos alunos a criatividade na escrita concisa a partir da narrativa curta com emprego de diferentes linguagens associadas. Na origem do microconto, enquanto subgênero do conto, por meio da leitura analítica dos contos 'O Espelho', de João Guimarães Rosa, e ' Não somos figurinhas' de Claudia Werneck, observa-se uma estrutura que vai afunilando até resultar no gênero microconto, o gênero que será estudado.

Ao executar as atividades de estudo do gênero microconto desenvolve-se habilidades nos alunos em consonância com o guia de ensino, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), competente ao trato com os gêneros do campo artístico-literário. Os ensinamentos do gênero artístico-literário visa não somente que o aluno conheça tais gêneros literários, mas que também se forme como um “leitor- fruidor”, conhecendo os elementos narrativos dos gêneros, fazendo análise, discussões e posteriormente uma produção textual.

A partir dessa abordagem, esperamos que essa sequência didática proporcione o estudo do gênero microconto colocando em prática as orientações e concepções norteadoras para as atividades do ensino dos gêneros no contexto da sala de aula. Uma vez que para completar o ensino do gênero microconto é imprescindível apresentar aos alunos mais de um exemplo de microconto para que o aluno consiga inferir como são organizados composicionalmente, seu funcionamento social, com quais discursos as temáticas dialogam, os diversos recursos multissemiótico presentes que colabora para a construção do microconto. Após a realização das leituras, o próximo passo a se seguir é a elaboração do gênero pelos alunos. Desta maneira, logo abaixo seguimos apresentando os procedimentos metodológicos para o ensino do microconto na sala de aula:

1ª ETAPA: LEITURA

Nessa primeira etapa, os alunos irão realizar a leitura e análise interpretativa do gênero conto, que originou o então gênero microconto, com a finalidade de introduzir o gênero a ser estudado e para tecer um comparativo entre os dois gêneros, para que os estudantes entendam a progressão evolutiva até o microconto encontrados nos ambientes digitais. Posterior a isso, os estudantes irão ver: o que são os microcontos, sua relação com o conto, suas diferenças, o local que são encontrados, em quais *sites*, plataformas e aplicativos, além de explicar com que função social é produzido, sua disposição textual e aspectos linguísticos e semióticos, sua composição estrutural e as temáticas abordadas e a dialogicidade dos discursos.

- **Objetivos:**

- Ler e analisar os contos “O Espelho” de João Guimarães Rosa (<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3183858&forceview=1>), “;“Não somos figurinhas” de Claudia Werneck (<file:///C:/Users/andre/Downloads/contos-brasileiros-para-todas-as-idades.pdf>).
- observando como os elementos narrativos são construídos ao atribuir sentidos aos contos.
- Conhecer e compreender o gênero microconto em seu ambiente de vinculação do *Instagram* nos perfis @microcontos.pt e @microcontos, considerando a função social, a composição estrutural linguística estilística e semiótica na construção de sentidos dos discursos.
- Pesquisar exemplares de microcontos nos meios digitais de forma crítica, escolher e socializar no grupo do *WhatsApp* os textos encontrados para análise coletiva.

- **Conteúdos:**

- Leitura analítica dos contos “O Espelho” de João Guimarães Rosa, “Não somos figurinhas” de Claudia Werneck.
- Compreensão do gênero microconto a partir da leitura e análise dos exemplares apresentados e pesquisados pelos alunos, traçando um comparativo com o gênero conto.
- Exploração das possibilidades interativas da plataforma de publicação do microconto, a disposição de recursos multimodais do gênero ao leitor e produtor engrandecendo os sentidos no gênero.

- **Duração:** 2 aulas de 50 minutos

- **Aula 01** - Apresentar o gênero microconto e sua origem a partir do conto “O Espelho” de João Guimarães Rosa, “Não somos figurinhas” de Claudia Werneck.

- **Descrição das atividades:**

1 - Momento: Na acolhida indagar os alunos se é possível narrar uma história em uma frase. Posteriormente, para iniciar o estudo acerca do gênero microconto, começar com análise interpretativa e apreciação dos contos “O Espelho” de João Guimarães Rosa, “Não somos figurinhas” de Claudia Werneck de forma conjunta com os alunos.

2 - Momento: Dando continuação às atividades, explicar que o microconto é um gênero literário impresso e digital que teve como origem o conto. Apresentar o microconto “corpo no chão”, de maneira a situá-los sobre as características do gênero em estudo. Os estudantes poderão notar que o enredo do conto “Não somos figurinhas” aborda a valorização das diferenças, a convivência mais inclusiva e a empatia, diferente do microconto “Corpo no Chão” que trata da indiferença humana e comportamento de apatia e insensibilidade. Ambos os textos tratam de críticas sociais, porém são divergentes quanto ao estilo e composição curta do microconto.

Figura 10: Microconto Corpo no chão



Fonte: *Instagram*, 2024.

- Explicar as atividades da sequência didática, que conta com leituras, análises e pesquisas de microcontos finalizando com a criação de microcontos multimodais criados no site *Canva* e publicados em uma página do *Instagram* criada para a turma.

3 - Momento: Em conclusão, criar um grupo na plataforma *WhatsApp* para a turma como meio de comunicação e troca de conhecimentos, assim como outros encaminhamentos necessários. Após adicionar os alunos no grupo, pedir que os alunos pesquisem microcontos e os socializem no grupo, pois os discutiremos no próximo encontro.

- **Aula 02-** analisando a pesquisa orientada anteriormente e a leitura dos microcontos no *Instagram*
- **Descrição das atividades:**

1 - Momento: Iniciar com uma conversa sobre o que os alunos pesquisaram e enviaram no grupo do *WhatsApp* obtendo uma troca sobre o que encontraram e o que observaram a respeito do microconto e onde encontraram. Em seguida, projetar os microcontos que os alunos colocaram no grupo realizando a análise crítica de forma colaborativa.

2 - Momento: Realizar a projeção dos microcontos diretamente do ambiente virtual (especificamente dos perfis do *Instagram* @microcontos.pt, (<https://instagram.com/microcontos.pt?igshid=NGVhN2U2NjQ0Yg==>) e @Microcontos, (<https://instagram.com/microcontos?igshid=NGVhN2U2NjQ0Yg==>), fazendo a leitura e análise dos microcontos destacando as especificidades dos microcontos encontrados nos perfis. Assim como as formas de interação e ferramentas da plataforma e os recursos multimodais.

3 - Momento: Reservar os últimos minutos para tirar possíveis dúvidas ou curiosidades dos alunos, pois é muito importante que entendam a dinâmica do funcionamento do gênero microconto.

- **Resultados esperados:** Espera-se que os alunos entendam que o microconto é um gênero que teve origem no conto. Como os que foram estudados "O espelho", que é mais extenso com mais de uma lauda e o " Não somos figurinhas", que é mais curto com uma lauda, porém os dois possuem as mesmas características e aspectos linguísticos e estruturais, e que o microconto é o gênero em que tais características são levadas ao extremo da brevidade como tal o condensa quanto sua estrutura estilo e composição. A sua concisão estimula ainda o desenvolvimento dos multiletramentos e a predisposição do leitor a desvendar seus sentidos que dialoga com outros discursos e marcas da intertextualidade.

2ª ETAPA: PRODUÇÃO

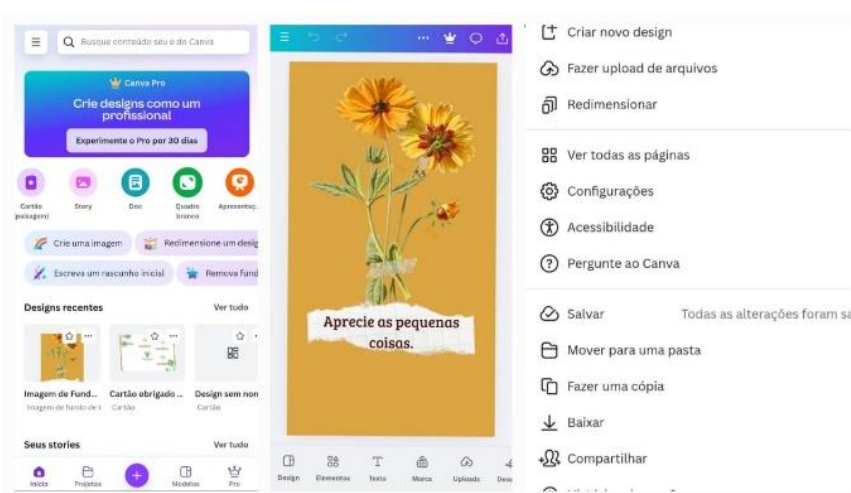
Nessa etapa, os alunos terão como objetivo colocar em prática o aprendizado sobre os microcontos lidos e analisados, realizando a produção de um microconto de acordo com a estrutura, o estilo e a composição, com orientações e a colaboração do professor durante o desenvolvimento e a correção dos microcontos confeccionados pelos estudantes.

Objetivos

- Entender o funcionamento das ferramentas de elaboração de microcontos digitais no site *Canva* e a publicação no *Instagram*.
- Produzir um microconto de acordo com seu ambiente de circulação e características a partir das orientações do professor.
- **Conteúdo**
 - Apresentação do funcionamento das ferramentas de elaboração produtiva do microconto no *Canva* e a publicação no *Instagram*.
 - Produção de microconto multimodal para publicação no perfil do *Instagram*.
 - Discussão do gênero microconto e seu contexto de produção.
- **Duração:** 1 aula de 50 minutos
- **Aula 03** - Acionando conhecimentos para confecção de microcontos multimodais
- **Descrição das atividades:**

1 - Momento: De início comunicar que a aula é voltada para a produção de microcontos. Explicar que os microcontos serão escritos no site *Canva*, salvos e publicados no *Instagram*, com o tema " Vivências escolares: pequena história, grande momento", livres quanto a utilização de diferentes linguagens desde que esteja adequado com o todo. Utilizar microcontos para retomar novamente as características dos microcontos, explicando posteriormente o funcionamento do *Instagram* e do *site*. Como se observa abaixo, o *site* é de fácil acesso. Na tela inicial, é possível escolher um *design*, optando por um modelo pronto. Ao pressionar "+" pode-se criar um *design* personalizado. Já na criação, temos o *Design* - que organiza o *layout* desejado; Elementos - para adicionar figuras, desenhos, formas, etc.; Texto - que permite estilizar o texto; *Uploads* – no qual podem carregar imagens, vídeos e áudios próprios. É um espaço propício para a criação de microcontos, que ao final podem ser salvos e compartilhados em outros locais, como o *Instagram*.

Figura 11: Canva



Fonte: Acervo da autora, 2024.

2 - Momento: Os alunos serão orientados a escolher temas para a produção dos microcontos que se relacionem com as " Vivências escolares: pequena história, grande momento", de modo a refletirem sobre o ambiente escolar e incentivá-los a vê-lo sob uma nova perspectiva. Os alunos deverão iniciar a produção dos microcontos, podendo optar por trabalhar em grupo, em duplas, conforme orientação. Durante o processo de produção daremos toda a assistência aos alunos com o necessário para realização das atividades requeridas. Além de orientar aos alunos que quando finalizarem os microcontos disponibilizarão no grupo da turma.

3 - Momento: Seguir com a elaboração dos microcontos. Orientar aos alunos que ao finalizarem os microcontos deverão disponibilizar no grupo da turma. E os demais que eventualmente não tenham concluído que tentem fazer em casa.

- **Resultados esperados:** Esperamos que os estudantes construam e desenvolvam habilidades do gênero em questão estudando o microconto, demonstrando em suas produções.

3ª ETAPA: PUBLICAÇÃO

Nessa etapa é o momento em que as produções dos alunos dos microcontos irão ser socializadas. As atividades desenvolvidas buscam contemplar o estudo do gênero microconto. Dessa forma, finalizaremos com a digitação e organização dos textos no *Canva* e a publicação em perfil criado no *Instagram* para turma. Essa etapa, como sugere Lopes-Rossi (2011, p. 78), "a divulgação ao público das produções dos alunos deve ocorrer de acordo com a circulação do gênero, desenvolvendo meios, desde que os textos sejam entregues ao seu público-alvo. Instalando sentimento de satisfação nos alunos, ampliando também os conhecimentos dos alunos.

- **Objetivos:**
 - Revisar os microcontos realizando correções necessárias e eventuais adequações ao gênero microconto.
 - Criar um perfil no *Instagram* para a publicação do microconto produzido pelos estudantes, em que os demais colegas possam lê-los e interagir.
 - Publicar os mesmos microcontos no grupo do *WhatsApp*, que foi criado para a turma, a fim de facilitar o acesso aos demais alunos.
- **Conteúdo:**
 - Revisão linguística, estilística e ortográfica dos microcontos elaborados pelos alunos, realizando os ajustes que se apresentarem necessários, realização da digitação e organização estrutural e composicional com o emprego de recursos multimodais no *Canva* e a finalização no *Instagram* nas publicações.
 - Publicação dos microcontos após a organização no perfil do *Instagram* criado para a turma, incentivando que os alunos interajam com a produção dos colegas na plataforma de publicação.

- Disponibilização dos microcontos finalizados também no grupo do *WhatsApp* da turma incentivando para que ocorra interações construtivas perante o trabalho dos colegas.
- **Duração:** 1 aula de 50 minutos
- **Aula 04** - Acionando conhecimentos para confecção de microcontos multimodais
- **Descrição da atividade:**

Revisar os microcontos produzidos pelos alunos, indicando mudanças, se necessárias, durante a digitação e organização no Canva com o emprego da multimodalidade. Logo após a finalização da organização, publicar as produções no Instagram, no perfil criado para a turma, sinalizando que os alunos interajam com a produção dos colegas. Disponibilizar também essas produções no grupo do *WhatsApp* da turma.

- **Avaliação:** Corrigir a produção dos microcontos, verificando se as produções estão adequadas ao gênero, a coerência entre o texto escrito e os recursos multissemióticos, assim como a originalidade criativa utilizada pelos alunos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal analisar o funcionamento social e multimodal do gênero microconto de dois perfis do *Instagram* e a partir disso sugerir estratégias metodológicas de leitura, produção e socialização do gênero a estarem sendo executadas na Educação Básica, Ensino Fundamental. O gênero microconto favorece substancialmente o desenvolvimento da leitura ativa trabalhando os multiletramentos, contribuindo com os estudos de professores, acadêmicos e pesquisadores das micronarrativas como proposta de ensino para o contexto da sala de aula.

No desenvolvimento do percurso da pesquisa realizamos análises de microcontos em seus aspectos, enquanto gênero literário digital, constatando que os enunciados dialogam com outros discursos que circulam socialmente, contribuindo para uma reflexão crítica sobre determinadas realidades sociais. Os sentidos são, geralmente, construídos pela relação de diálogo entre elementos multimodais, que se combinam favorecendo a criação de uma história que vai além do que está semioticamente dito, pois aquilo que é dito funciona como pistas para ativar os conhecimentos de mundo do leitor, que passa a criar e recriar o texto a partir de sua imaginação.

A pesquisa demonstrou a relevância do microconto, na Educação Básica, como gênero discursivo da esfera literária, que circula, principalmente, no espaço digital. Sua interpretação requer dos leitores multiletramentos: literário, digital, multimodal no processo de compreensão dos sentidos, possibilitando o desenvolvimento de habilidades leitoras que ampliam o poder de síntese, de criticidade, uma vez que permite o aluno a relacionar o dito com o contexto extraverbal, a habilidade de refletir sobre a realidade social integrando conteúdo e composição multimodal.

Nesse sentido, esses pontos positivos do microconto auxiliaram na elaboração da sequência didática como uma sugestão de ensino, de maneira a consolidar o estudo do gênero microconto com estratégias metodológicas voltadas para a leitura, produção e socialização, tudo isso aliado à BNCC, ferramenta que permite aos professores direcionar seus alunos para formação de leitores e produtores de seus próprios textos de forma responsável e crítica.

O gênero microconto é pouco estudado no cenário da educação, que apesar dos achados relevantes dos conceitos, das teorias e abordagens encontra-se poucos estudos referentes ao microconto e seu ensino na educação. Isso aponta para a relevância dessa pesquisa nesse segmento. Assim, deixando em aberto o aprimoramento da pesquisa a novos desdobramentos e inquietações ao estudo do microconto. O microconto com a utilização das

múltiplas linguagens no contexto educacional da BNCC (2018) destaca a importância do campo-artístico literário em que há o reconhecimento das diversas linguagens na formação dos estudantes estimulando a conexão entre a literatura e a tecnologia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Aparecida Borin de; LEITE, Leandro Butier. Unidade 1: Introdução. In: Almeida, Adriana Aparecida Borin, LEITE, Leandro Butier. **Manual de metodologia da pesquisa aplicada à educação**. Porto Feliz, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução: BEZERRA, Paulo. 1ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BUENO, Matheus Felipe Xavier. **Minicontos e minicontos digitais potencialidades dos gêneros para o desenvolvimento dos letramentos e multiletramentos**. Campinas: Unicamp, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018.

CAMPOS, Maria Teresa Rangel Arruda; ODA, Lucas Kiyoharu Sanches. **Multiversos: Cidade em Pauta: Língua Portuguesa: Ensino Médio**. 1. Ed. – São Paulo: FTD, 2020.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). **Letramento digital – Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

COLOMER; Tereza. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática. 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas. 2017.

GOMESA, Rosely Costa Silva. De conto ao miniconto: entre a tradução e a modernização. **Revista Investigações**. Vol. 26, nº 1, 2013.

GUIMARÃES, A. H. T.; BATISTA, R. O. **Língua e Literatura – Machado de Assis na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

LOPES, Magda. **Introdução à metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: Dionísio, Angela Paiva org. et al. 3 ed- Rio de Janeiro: Lucema, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: Deslandes, Suely Ferreira et al. (Orgs). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. Petrópolis- RJ, 1994.

LOPES-Rossi, Maria Aparecida Garcia. **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. KARWOSKI, A. M; GAYDECZKA, B.; BRITO, KS MARCHUSCHI, Luís Antônio...[et al]. Gêneros Textuais, Reflexão e Ensino. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

LUÍZ, Evandro, ROCHA, Silva Soares da. Gêneros textuais digitais e as atividades de linguagens em sala de aula. **Revista de Letras e Humanidades**, UFAC. n. 2, p. 239-249, 2020.

PINTO, Francisco Neto Pereira. Letramento literário: formação do leitor de literatura em tempos de transição paradigmática. **Anu. Lit. Florianópolis**, v.19, n.1, p. 75-94, 2014.

PAULINO, Graça. Formação de leitores: a questão dos canônes literários. **Revista Portuguesa de Educação**. P. 47-62, 2004.

RODRIGUES, Rosangela Hammes. **Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem**: A abordagem de Bakhtin. In: Bonini, J.L. Meurer et al. Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduarda. **Letramento, mídias linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Multimodalidade, textos e tecnologias**: provocações para a sala de aula. 1ed. São Paulo: Parábola, 2021.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROSA, C. M.. Letramento Literário. **Revista Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, Brasil, São Paulo, volume 1, nº. 11, p.188 - 195, Set.. 2011.

SILVA, Olga Ozaí da. **Miniconto**: uma nova proposta para a literatura juvenil. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Teoria e prática científica**. In: SEVERINO, Antônio Joaquim. Científico. São Paulo: Atlas, 2017.

SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. **Letramento literário**: uma proposta para a sala de aula. Acervo digital da UNESP: 2011.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES, Magda. Novas páticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Edu. Soc.**, Campinas, V.23, nº 18. p. 143-160, dez, 2002.

TELES, Maria de Lourdes. As atuações do leitor implícito infanto-juvenil e adulto no texto literário: semelhanças ou diferenças? **Kaliopé**. São Paulo, nº 07, p. 56-72, jan/jun, 2008.

VIEIRA, Hilluska de Figueiredo Sousa Carneiro. Letramento literário- um caminho possível. **Revista arredia**, Dourados- MS. Editora UFGO, v.4, nº 07, p. 117-126, jul/dez. 2015.

ZACHARIAS, Valéria Ribeiro de Castro. **Letramento digital**: desafios e possibilidades para o ensino. IN: Tecnologias para aprender. COSCARELLI, Carla Viana (Org). ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed. 1998.

ANEXOS

ANEXO 1- Conto “O Espelho” de João Guimarães Rosa

Se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições. Tomou-me tempo, desânimos, esforços. Dela me prezo, sem vangloriar-me. Surpreendo-me, porém, um tanto à-parte de todos, penetrando conhecimento que os outros ainda ignoram. O senhor, por exemplo, que sabe e estuda, suponho nem tenha idéia do que seja na verdade — um espelho? Demais, decerto, das noções de física, com que se familiarizou, as leis da óptica. Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo.

Fixemo-nos no concreto. O espelho, são muitos, captando-lhe as feições; todos refletem-lhe o rosto, e o senhor crê-se com aspecto próprio e praticamente imudado, do qual lhe dão imagem fiel. Mas — que espelho? Há-os «bons» e «maus», os que favorecem e os que detraem; e os que são apenas honestos, pois não. E onde situar o nível e ponto dessa honestidade ou fidedignidade? Como é que o senhor, eu, os restantes próximos, somos, no visível? O senhor dirá: as fotografias o comprovam. Respondo: que, além de prevalecerem para as lentes das máquinas objeções análogas, seus resultados apóiam antes que desmentem a minha tese, tanto revelam superporem-se aos dados iconográficos os índices do misterioso. Ainda que tirados de imediato um após outro, os retratos sempre serão entre si muito diferentes. Se nunca atentou nisso, é porque vivemos, de modo incorrigível, distraídos das coisas mais importantes. E as máscaras, moldadas nos rostos? Valem, grosso modo, para o falquejo das formas, não para o explodir da expressão, o dinamismo fisionômico. Não se esqueça, é de fenômenos sutis que estamos tratando.

Resta-lhe argumento: qualquer pessoa pode, a um tempo, ver o rosto de outra e sua reflexão no espelho. Sem sofisma, refuto-o. O experimento, por sinal ainda não realizado com rigor, careceria de valor científico, em vista das irreduzíveis deformações, de ordem psicológica. Tente, aliás, fazê-lo, e terá notáveis surpresas. Além de que a simultaneidade torna-se impossível, no fluir de valores instantâneos. Ah, o tempo é o mágico de todas as traições... E os próprios olhos, de cada um de nós, padecem viciação de origem, defeitos com que cresceram e a que se afizeram, mais e mais. Por começo, a criancinha vê os objetos invertidos, daí seu desajeitado tactear; só a pouco e pouco é que consegue retificar, sobre a postura dos volumes externos, uma precária visão. Subsistem, porém, outras pechas, e mais graves. Os olhos, por enquanto, são a porta do engano; duvide deles, dos seus, não de mim. Ah, meu amigo, a espécie humana peleja para impor ao latejante mundo um pouco de rotina e lógica,

mas algo ou alguém de tudo faz frincha para rir-se da gente... E então?

Note que meus reparos limitam-se ao capítulo dos espelhos planos, de uso comum. E os demais — côncavos, convexos, parabólicos — além da possibilidade de outros, não descobertos, apenas, ainda? Um espelho, por exemplo, tetra ou quadridimensional? Parece-me não absurda, a hipótese. Matemáticos especializados, depois de mental adestramento, vieram a construir objetos a quatro dimensões, para isso utilizando pequenos cubos, de várias cores, como esses com que os meninos brincam. Duvida? Vejo que começa a descontar um pouco de sua inicial desconfiança, quanto ao meu são juízo. Fiquemos, porém, no terra-a-terra. Rimos, nas barracas de diversões, daqueles caricatos espelhos, que nos reduzem a mostrengos, esticados ou globosos. Mas, se só usamos os planos — e nas curvas de um bule tem-se sofrível espelho convexo, e numa colher brunida um côncavo razoável — deve-se a que primeiro a humanidade mirou-se nas superfícies de água quieta, lagoas, lameiros, fontes, delas aprendendo a fazer tais utensílios de metal ou cristal. Tirésias, contudo, já havia predito ao belo Narciso que ele viveria apenas enquanto a si mesmo não se visse... Sim, são para se ter medo, os espelhos.

Temi-os, desde menino, por instintiva suspeita. Também os animais negam-se a encará-los, salvo as críveis exceções. Sou do interior, o senhor também; na nossa terra, diz-se que nunca se deve olhar em espelho às horas mortas da noite, estando-se sozinho. Porque, neles, às vezes, em lugar de nossa imagem, assombra-nos alguma outra e medonha visão. Sou, porém, positivo, um racional, piso o chão a pés e patas. Satisfazer-me com fantásticas não-explicações? — jamais. Que amedrontadora visão seria então aquela? Quem o Monstro?

Sendo talvez meu medo a revivescência de impressões atávicas? O espelho inspirava receio supersticioso aos primitivos, aqueles povos com a idéia de que o reflexo de uma pessoa fosse a alma. Via de regra, sabe-o o senhor, é a superstição fecundo ponto de partida para a pesquisa. A alma do espelho — anote-a — esplêndida metáfora. Outros, aliás, identificavam a alma com a sombra do corpo; e não lhe terá escapado a polarização: luz — treva. Não se costumava tapar os espelhos, ou voltá-los contra a parede, quando morria alguém da casa? Se, além de os utilizarem nos manejos da magia, imitativa ou simpática, videntes serviam-se deles, como da bola de cristal, vislumbrando em seu campo esboços de futuros fatos, não será porque, através dos espelhos, parece que o tempo muda de direção e de velocidade? Alongo-me, porém. Contava-lhe...

— Foi num lavatório de edifício público, por acaso. Eu era moço, comigo contente, vaidoso. Descuidado, avistei... Explico-lhe: dois espelhos — um de parede, o outro de porta lateral, aberta em ângulo propício — faziam jogo. E o que enxerguei, por instante, foi uma figura,

perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, causava-me ódio e susto, eriçamento, espavor. E era — logo descobri... era eu, mesmo! O senhor acha que eu algum dia ia esquecer essa revelação?

Desde aí, comecei a procurar-me — ao eu por detrás de mim — à tona dos espelhos, em sua lisa, funda lâmina, em seu lume frio. Isso, que se saiba, antes ninguém tentara. Quem se olha em espelho, o faz partindo de preconceito afetivo, de um mais ou menos falaz pressuposto: ninguém se acha na verdade feio: quando muito, em certos momentos, desgostamo-nos por provisoriamente discrepantes de um ideal estético já aceito. Sou claro? O que se busca, então, é verificar, acertar, trabalhar um modelo subjetivo, preexistente; enfim, ampliar o ilusório, mediante sucessivas novas capas de ilusão. Eu, porém, era um perquiridor imparcial, neutro absolutamente. O caçador de meu próprio aspecto formal, movido por curiosidade, quando não impessoal, desinteressada; para não dizer o urgir científico. Levei meses.

Sim, instrutivos. Operava com toda a sorte de astúcias: o rapidíssimo relance, os golpes de esguelha, longa obliquidade apurada, as contra-surpresas, a finta de pálpebras, a tocaia com a luz de-repente acesa, os ângulos variados incessantemente. Sobretudo, uma inembotável paciência. Mirava-me, também, em marcados momentos — de ira, medo, orgulho abatido ou dilatado, extrema alegria ou tristeza. Sobreabriam-se-me enigmas. Se, por exemplo, em estado de ódio, o senhor enfrenta objetivamente a sua imagem, o ódio reflui e recrudescer, em tremendas multiplicações: e o senhor vê, então, que, de fato, só se odeia é a si mesmo. Olhos contra os olhos. Soube-o: os olhos da gente não têm fim. Só eles paravam imutáveis, no centro do segredo. Se é que de mim não zombassem, para lá de uma máscara. Porque, o resto, o rosto, mudava permanentemente. O senhor, como os demais, não vê que seu rosto é apenas um movimento deceptivo, constante. Não vê, porque mal advertido, avezado; diria eu: ainda adormecido, sem desenvolver sequer as mais necessárias novas percepções. Não vê, como também não se vêem, no comum, os movimentos translativo e rotatório deste planeta Terra, sobre que os seus e os meus pés assentam. Se quiser, não me desculpe; mas o senhor me compreende.

Sendo assim, necessitava eu de transverberar o embuço, a travisagem daquela máscara, a fita de devassar o núcleo dessa nebulosa — a minha vera forma. Tinha de haver um jeito. Meditei-o. Assistiram-me seguras inspirações.

Concluí que, interpenetrando-se no disfarce do rosto externo diversas componentes, meu problema seria o de submetê-las a um bloqueio “visual” ou anulamento perceptivo, a suspensão de uma por uma, desde as mais rudimentares, grosseiras, ou de inferior significado. Tomei o elemento animal, para começo.

Parecer-se cada um de nós com determinado bicho, lembrar seu facies, é fato. Constató-o, apenas; longe de mim puxar à bimbalha temas de metempsicose ou teorias biogenéticas. De um mestre, aliás, na ciência de Lavater, eu me inteirara no assunto. Que acha? Com caras e cabeças ovinas ou eqüinas, por exemplo, bastalhe relancear a multidão ou atentar nos conhecidos, para reconhecer que os há, muitos. Meu sócia inferior na escala era, porém — a onça. Confirmei-me disso. E, então, eu teria que, após dissociá-los meticulosamente, aprender a não ver, no espelho, os traços que em mim recordavam o grande felino. Atirei-me a tanto.

Releve-me não detalhar o método ou métodos de que me vali, e que revezavam a mais buscante análise e o estrênuo vigor de abstração. Mesmo as etapas preparatórias dariam para aterrar a quem menos pronto ao árduo. Como todo homem culto, o senhor não desconhece a Ioga, e já a terá praticado, quando não seja, em suas mais elementares técnicas. E, os “exercícios espirituais” dos jesuítas, sei de filósofos e pensadores incréus que os cultivam, para aprofundarem-se na capacidade de concentração, de par com a imaginação criadora... Enfim, não lhe oculto haver recorrido a meios um tanto empíricos: gradações de luzes, lâmpadas coloridas, pomadas fosforescentes na obscuridade. Só a uma expediência me recusei, por medíocre senão falseadora, a de empregar outras substâncias no aço e estanhagem dos espelhos. Mas, era principalmente no modus de focar, na visão parcialmente alheada, que eu tinha de agilitar-me: olhar não-vendo.. Sem ver o que, em meu rosto, não passava de reliquat bestial. Ia-o conseguindo?

Saiba que eu perseguia uma realidade experimental, não uma hipótese imaginária. E digo-lhe que nessa operação fazia reais progressos. Pouco a pouco, no campo-de-vista do espelho, minha figura reproduzia-se-me lacunar, com atenuadas, quase apagadas de todo, aquelas partes excrescentes. Prossegui. Já aí, porém, decidindome a tratar simultaneamente as outras componentes, contingentes e ilusivas. Assim, o elemento hereditário — as parecenças com os pais e avós — que são também, nos nossos rostos, um lastro evolutivo residual. Ah, meu amigo, nem no ovo o pinto está intacto. E, em seguida, o que se deveria ao contágio das paixões, manifestadas ou latentes, o que ressaltava das desordenadas pressões psicológicas transitórias. E, ainda, o que, em nossas caras, materializa idéias e sugestões de outrem; e os efêmeros interesses, sem seqüência nem antecendência, sem conexões nem fundura. Careceríamos de dias, para explicar-lhe. Prefiro que tome minhas afirmações por seu valor nominal.

À medida que trabalhava com maior mestria, no excluir, abstrair e abstrar, meu esquema perspectivo clivava-se, em forma meândrica, a modos de couve-flor ou bucho de boi, e em mosaicos, e francamente cavernoso, como uma esponja. E escurecia-se. Por aí, não obstante

os cuidados com a saúde, comecei a sofrer dores de cabeça. Será que me acovardei, sem menos? Perdoe-me, o senhor, o constrangimento, ao ter de mudar de tom para confidência tão humana, em nota de fraqueza inesperada e indigna. Lembre-se, porém, de Terêncio. Sim, os antigos; acudiu-me que representavam justamente com um espelho, rodeado de uma serpente, a Prudência, como divindade alegórica. De golpe, abandonei a investigação. Deixei, mesmo, por meses, de me olhar em qualquer espelho.

Mas, com o comum correr cotidiano, a gente se aquieta, esquece-se de muito. O tempo, em longo trecho, é sempre tranqüilo. E pode ser, não menos, que encoberta curiosidade me picasse. Um dia... Desculpeme, não viso a efeitos de ficcionista, inflectindo de propósito, em agudo, as situações. Simplesmente lhe digo que me olhei num espelho e não me vi. Não vi nada. Só o campo, liso, às vácuas, aberto como o sol, água limpíssima, à dispersão da luz, tapadamente tudo. Eu não tinha formas, rosto? Apalpei-me, em muito. Mas, o invisto. O ficto. O sem evidência física. Eu era — o transparente contemplador?... Tirei-me. Aturdi-me, a ponto de me deixar cair numa poltrona.

Com que, então, durante aqueles meses de repouso, a faculdade, antes buscada, por si em mim se exercitara! Para sempre? Voltei a querer encarar-me. Nada. E, o que tomadamente me estarreceu: eu não via os meus olhos. No brilhante e polido nada, não se me espelhavam nem eles!

Tanto dito que, partindo para uma figura gradualmente simplificada, despojara-me, ao termo, até à total desfigura. E a terrível conclusão: não haveria em mim uma existência central, pessoal, autônoma? Seria eu um... desalmado? Então, o que se me fingia de um suposto eu, não era mais que, sobre a persistência do animal, um pouco de herança, de soltos instintos, energia passional estranha, um entrecruzar-se de influências, e tudo o mais que na impermanência se indefine? Diziam-me isso os raios luminosos e a face vazia do espelho — com rigorosa infidelidade. E, seria assim, com todos? Seríamos não muito mais que as crianças — o espírito do viver não passando de ímpetos espasmódicos, relampejados entre miragens: a esperança e a memória.

Mas, o senhor estará achando que desvario e desoriento-me, confundindo o físico, o hiperfísico e o transfísico, fora do menor equilíbrio de raciocínio ou alinhamento lógico — na conta agora caio. Estará pensando que, do que eu disse, nada se acerta, nada prova nada. Mesmo que tudo fosse verdade, não seria mais que reles obsessão auto-sugestiva, e o despropósito de pretender que psiquismo ou alma se retratassem em espelho...

Dou-lhe razão. Há, porém, que sou um mau contador, precipitando-me às ilações antes dos fatos, e, pois: pondo os bois atrás do carro e os chifres depois dos bois. Releve-me. E deixe

que o final de meu capítulo traga luzes ao até agora aventado, canhestra e antecipadamente.

São sucessos muito de ordem íntima, de caráter assaz esquisito. Narro-os, sob palavra, sob segredo. Pejo-me. Tenho de demais resumi-los.

Pois foi que, mais tarde, anos, ao fim de uma ocasião de sofrimentos grandes, de novo me defrontei — não rosto a rosto. O espelho mostrou-me. Ouça. Por um certo tempo, nada enxerguei. Só então, só depois: o tênue começo de um quanto como uma luz, que se nublava, aos poucos tentando-se em débil cintilação, radiância. Seu mínimo ondear comovia-me, ou já estaria contido em minha emoção? Que luzinha, aquela, que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa? Se quiser, infira o senhor mesmo.

São coisas que se não devem entrever; pelo menos, além de um tanto. São outras coisas, conforme pude distinguir, muito mais tarde — por último — num espelho. Por aí, perdoe-me o detalhe, eu já amava — já aprendendo, isto seja, a conformidade e a alegria. E... Sim, vi, a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não este, que o senhor razoavelmente me atribui. Mas o ainda-nem-rosto — quase delineado, apenas — mal emergindo, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal... E era não mais que: rostinho de menino, de menosque-menino, só. Só. Será que o senhor nunca compreenderá?

Devia ou não devia contar-lhe, por motivos de talvez. Do que digo, descubro, deduzo. Será, se? Apalpo o evidente? Tresbusco. Será este nosso desengonço e mundo o plano — intersecção de planos — onde se completam de fazer as almas?

Se sim, a “vida” consiste em experiência extrema e séria; sua técnica — ou pelo menos parte — exigindo o consciente alijamento, o despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que a atulha e soterra? Depois, o “salto mortale”... — digo-o, do jeito, não porque os acrobatas italianos o aviventaram, mas por precisarem de toque e timbre novos as comuns expressões, amortecidas... E o julgamento-problema, podendo sobrevir com a simples pergunta: — “Você chegou a existir?”

Sim? Mas, então, está irremediavelmente destruída a concepção de vivermos em agradável acaso, sem razão nenhuma, num vale de bobagens? Disse. Se me permite, espero, agora, sua opinião, mesma, do senhor, sobre tanto assunto. Solicito os reparos que se digne dar-me, a mim, servo do senhor, recente amigo, mas companheiro no amor da ciência, de seus transviados acertos e de seus esbarros titubeados. Sim?

ANEXO 2 – Conto “Não somos figurinhas” de Claudia Werneck

Uma menina muito ressabiada. Era como se tivesse medo de gente. Família, padrinhos, vizinhos e professores não conseguiam entender o que a impedia de viver em paz com seus iguais. “Mas o problema é justamente esse”, gesticulava ela, amaciando com seus dedinhos o pêlo macio de seu gato magro, branco e preto – o Bandidão. “Não somos iguais, não somos iguais”, é tudo mentira. Eu olho para a Pati, o Ivan, o Ademir, a Táta e só vejo diferenças”.

Os adultos se entreolhavam desanimados e pediam mais explicações. “Como diferentes, minha filha? Somos seres humanos, gente igual a você, iguais entre nós: duas pernas, dois bracinhos, dois olhos, uma língua, um cérebro, dez dedos na mão, dez dedos no pé...”

Bandidão não estava nem aí para aquela conversa sempre tão óbvia. Entediado, deu um pinote, abandonando o colo de sua dona. Mas, ainda no ar, enquanto preparava suas patas para uma aterrissagem em segurança, ouviu sair dos lábios dela, também como pinote, algo que a garota nunca havia dito: “e quem não tem duas pernas? Ou não escuta? Ou tem dois olhos, mas um é de vidro? Ou é muito feio? Aí não é gente? Para ser gente não basta nascer? E os bebês, não são diferentes? Por que vocês insistem em me convencer de somos iguais? Gente não é como figurinha, que nós arrumamos em fila, deixando de lado as amassadas e as rasgadas para decidir o que fazer com elas depois”.

Bandidão estava emocionado. Entendera tudo, ora pois pois. A menina não tinha medo de gente. Acuada, sofria por outras razões. Faltava-lhe era coragem para discordar do pensamento dos adultos. Confiante por ter conseguido, enfim, explicar sua angústia para seus pais, ela experimentou uma sensação nova: sentiu pressa, muita pressa de ir para escola. Pela primeira vez, sentia prazer em ser gente. Dedicou um último olhar de amor para Bandidão e seguiu pela rua.